



# BRUXAS

CONTOS E POEMAS

VOLUME II

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

SELO

CONEXÃO LITERATURA

# **ADEMIR PASCALE**

## **ORGANIZADOR**

Copyright © por Autores  
Projeto editorial por Ademir Pascale  
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores  
Obra protegida por direitos autorais  
2021  
Patrocínio:  
[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

# SUMÁRIO

**CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS OU POEMAS**

- A traça o galo e a bruxa malvada, por Adriana Teixeira Simoni, pág. 05
- O resgate da moura, por Alessandro Mathera, pág. 09
- As marcas do espelho, por Amanda Magri de Abreu, pág. 16
- A cantiga da bruxa, por Bruno Farias, pág. 19
- A poção mágica e o caçador de criaturas, por Cecília Torres, pág. 26
- Eternamente bruxas, por Cecília Torres, pág. 32
- Feitiço, cristais e caldeirão, por Charlene França, pág. 36
- Entre feitiços e invocações: a alma ferida de uma bruxa, por Uri Volk, pág. 38
- O caminho dos doces, por Kátia Surreal, pág. 41
- O gato de nove caudas, por Ney Alencar, pág. 45
- O pássaro de plumas de cristal, por Ney Alencar, pág. 50
- Bruxa quem? Eu?, por Jhala, pág. 55
- Hóspede do diabo, por Vinicius Leal, pág. 57
- Conheça outros títulos da coleção, pág. 60

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale  
E-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

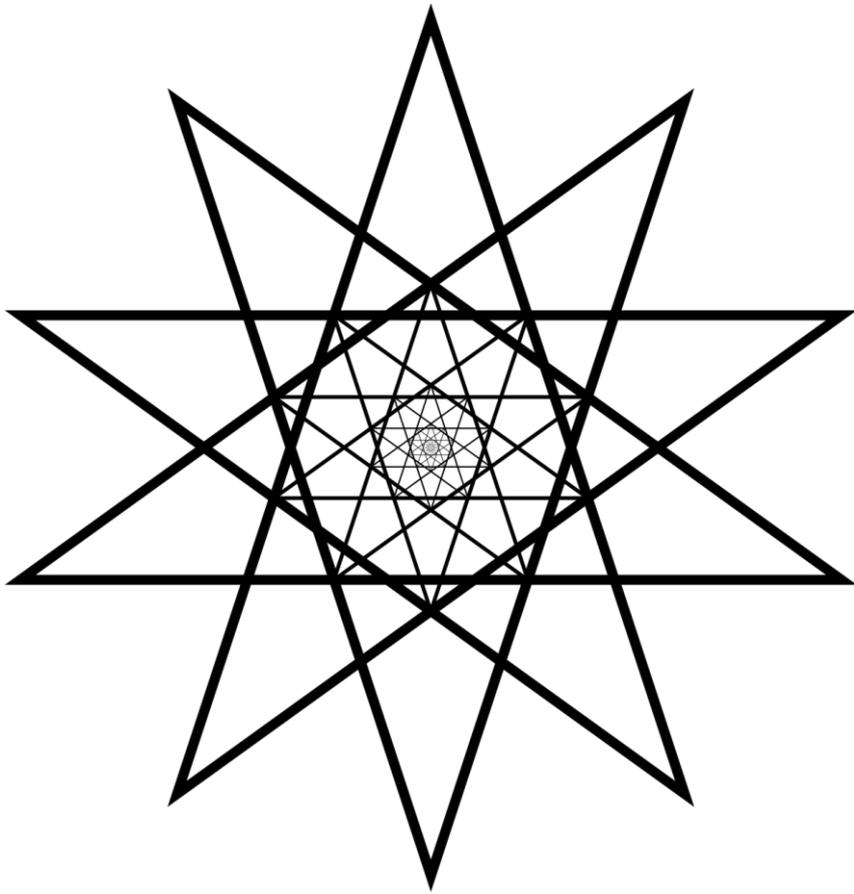
**VISITE:**

**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

**[www.instagram.com/revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.instagram.com/revistaconexaoliteratura.com.br)**

**[www.facebook.com/conexaoliteratura](http://www.facebook.com/conexaoliteratura)**





*“Dizem que ninguém que a viu sobreviveu para contar.”*

— A Bruxa de Blair



**APRESENTAMOS O CONTO**

**A TRAÇA O GALO E BRUXA MALVADA**

**Por Adriana Teixeira Simoni**

**Sobre a autora: Gaúcha de Porto Alegre-RS, Graduada em serviço Social, musicista, blogueira, escritora, contista e poeta. Mantém ativo o Blog Vida que te quero bem com poesias, contos e crônicas. Tem participação em várias antologias nacionais e internacionais com poemas, contos e relatos.**

**M**arinalva vivia naquela casa há mais de três séculos, era natural que o entorno tenha se transformado com esse tempo todo. E onde era um bosque gélido e assustador hoje era um bairro de uma bela cidade do interior.

As transformações não ocorreram tão rápidas como parece. Na verdade, a cidade é que foi se aproximando do bosque. Isso ocorreu bem devagar. Marinalva sempre se ocupava de leis atualizadas para garantir a permanência de sua casa, brigava com um e outro, mas sempre ganhava a posse e o direito de ficar.

Nos últimos cinquenta anos a cidade encostou relativamente em sua propriedade. O bosque se tornou um parque belíssimo e ao redor de sua casa um loteamento se urbanizou-se lentamente. Como era distante do centro, não havia muita procura.

Marinalva era uma mulher linda de olhos azuis, pele clara com cabelos negros, longos e levemente ondulados. Muito charmosa, usava roupas coloridas e longas, tinha mãos e unhas longas e bem cuidadas o resto de seu corpo ninguém nunca havia visto. Ademais seu gênio não era dos mais fáceis de lidar.

A urbanização do bairro lhe trouxe vizinhos que historicamente nunca ficaram muito tempo morando por ali tão próximos a ela ao que se sabia. Logo se mudavam ou outras razões os tiravam dali. Marinalva reclamava de tudo, de barulho de carro, cachorro, moto ou música alta. Ela não era bem vista pelo gênio forte que tinha, todavia ela era muito procurada e requisitada pelas ervas e chás que vendia em sua lojinha. Ela montou uma loja na frente de sua casa para vender ervas diversas que ela mesmo produzia para cura ou alívio de vários males. Porém, outras pessoas mal diziam sobre ela, a considerando uma bruxa, mas isso era levado apenas como uma lenda, ninguém acreditava de fato nisso.

Marinalva dificilmente era vista com suas reais feições. Ela usava suas próprias poções mágicas para manter-se jovem e linda, ninguém acreditaria em sua idade secular. Como ela não tinha família, tão pouco amigos a visitavam, despertava muita curiosidade na vizinhança. Ela só recebia vizinhos ou clientes apenas na parte da frente de sua casa, na sua loja, na qual iam em busca de algum chá milagroso. Ninguém conseguia ver dentro de seu quintal ou de sua casa. Algumas vezes a noite, era possível ver fumaça vinda do meio do seu quintal, que era todo cercado por uma vegetação cerrada que não permitia ver absolutamente nada de fora pra dentro.

Era cedo numa manhã de outono, dia cinzento, uma ventarola carregava folhas secas de um lado para o outro. Ela costumava dormir tarde e levantar depois das 10 horas da manhã e naquela manhã a tranquilidade era rompida as sete horas por uma motocicleta

que acelerava envenenada em seu vizinho do lado. Parecia que o motor iria sair voando dado o barulho de avião que aquilo fazia. Marinalva pegou um roupão se cobriu e foi até o vizinho. Bateu palmas no portão, porém o barulho ensurdecedor não permitia que ouvisse, abriu o portão e entrou, foi até ele tocou seu ombro. Nisso, o vizinho desligou a motocicleta e ela pode falar e pedir para que parasse com aquele barulho. O jovem lhe respondeu grosseiramente lhe proferindo muitas ofensas além de lhe chamar de bruxa e novamente ligar a moto e seguir acelerando ruidosamente.

Marinalva deu as costas sem nada dizer deu três passos virou-se para ele que estava agarrado a motocicleta, fez alguns movimentos com as mãos e disse algumas palavras mágica e pufh ! Seu vizinho se transformou num galo lindo, grande vermelho que voou para o quintal de sua casa.

Marinalva, atendeu dias depois a polícia em sua loja, estavam em busca de pistas sobre o vizinho ao lado. Tinham uma investigação de desaparecimento. Ela prestou as informações que tinha, na qual nenhuma foi suficientemente útil para elucidar o caso. Enquanto era questionada o galo ciscava seu jardim em busca de insetos na qual ele havia sido adestrado por Marinalva para caçar e os guardar numa gaiola para serem usados em suas poções de rejuvenhecimento.

A vizinha com fama de curandeira, bruxa e solteirona mal amada as vezes virava o assunto de quem não tinha o que fazer em casa. Uma vizinha daquelas fofoqueiras que não se aguenta e gosta de atormentar a vida dos outros, sem olhar para seus próprios defeitos provoca Marinalva. Essa vizinha estava espalhando difamações sobre Marinalva e um belo dia teve a coragem de ir até a loja dela levando uma outra vizinha boazinha e submissa que enquanto a tal faladeira ofendia Marinalva e cutucava a vizinha boazinha para que ela confirmasse os seus mal ditos, fez com que a situação começasse a ficar bastante complicada para a fofoqueira.

Marinalva resolveu dar um basta. Pediu que a fofoqueira saísse de sua loja, mas que a outra vizinha ficasse. E foi levá-la até a porta, assim que a mulher estava cruzando pelo portão de sua casa, Marinalva fez suas mandingas pelas costas dela, proferiu suas palavras mágicas e alguns movimentos com as mãos e pufh! A vizinha fofoqueira era transformada rapidamente numa traça gigante de uns dez centímetros. Marinalva se abaixou até o chão e pegou a traça trazendo-a para dentro da sua loja. Mostrou para sua vizinha que lhe aguardava na lojinha. A vizinha ficou surpresa com o tamanho do inseto,

mas nada mais sugeriu. Tomaram um chá juntas conversaram um pouco e logo depois a vizinha se foi embora.

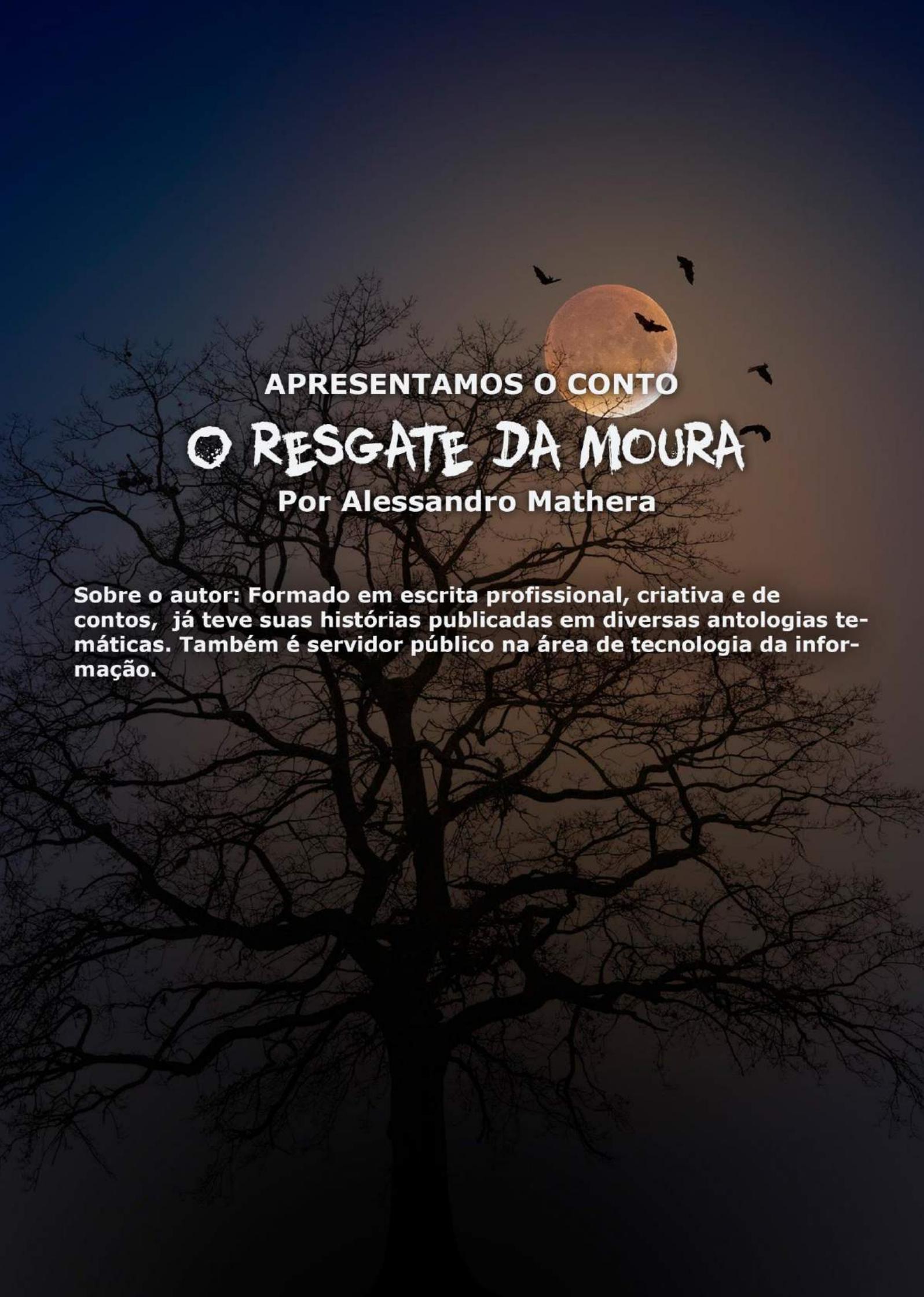
Outra vez a polícia andou de casa em casa perguntando sobre a Dona Antônia, a vizinha fofqueira que havia sumido fazia uma semana. Marinalva como foi a última a vê-la, apenas confirmou a polícia a visita dela acompanhada de outra vizinha a sua loja e que ela saiu antes do chá, pois disse ter um compromisso com roupas ou traças, disse a polícia que não se lembrava ao certo.

Marinalva tinha em seu quintal plantadas todas as ervas que vendia em sua loja. Todas eram adubadas com adubo orgânico que a traça gigante processava pra ela.

Para Marinalva manter aquela beleza que todos admiravam, ela precisava da ajuda também do galo para que lhe fornecia os insetos e mantinha seu estoque sempre farto de variedades. Esses insetos ela os utilizava para fazer suas porções mágicas que mantinham sua beleza da face, colo e mãos sempre jovens e brilhantes, únicas partes que ela mostrava.

As ervas precisavam ser bem cuidadas vibrantes e perfumadas para manter sua loja sempre envolvida de energias fluídas todas no bem, e sempre para ajudar quem buscava cura ou alívio de dores. E assim seguia sua rotina, fazendo o bem e nada além disso desde que ninguém viesse lhe trazer problemas ou incomodação; quem não trouxesse problemas com certeza permaneceria humano.





APRESENTAMOS O CONTO

# ○ RESGATE DA MOURA

Por Alessandro Mathera

**Sobre o autor: Formado em escrita profissional, criativa e de contos, já teve suas histórias publicadas em diversas antologias temáticas. Também é servidor público na área de tecnologia da informação.**

**N**uma rua pouco movimentada à noite.

— Menina, por que você está no meio da rua, chorando? Precisa de ajuda?

— O-obrigada, moço. Eu me perdi da minha prima e ainda deixei cair minha caixa de música. Acho que ela quebrou.

— Eu pego. Vamos ver se ainda funciona. Bem diferente a sua caixa.

“But I knew I was out of luck

The day the music died”

— Que bela voz! Mas, que dor! Meu coração... Eu...

“I started singin'

Bye-bye, Miss American Pie”

— Obrigada, moço! Agora com você eu posso reencontrar minha prima de volta! Vamos brincar de novo, Betty!

\* \* \*

Acordo desesperada com a cena que vi em sonho! Pobre homem, nem teve chance! É quase meia-noite e o Oráculo está vermelho.

— Oráculo, eu sei que o pesadelo foi uma visão, mas quem são eles?

— O rapaz é um músico e mais uma vítima de Abigail Williams.

— A principal bruxa de Salem? Eu sabia que ela tinha sumido, mas não imaginava que ainda estivesse viva e num corpo de criança! Só posso deduzir que a “Betty” seja Elizabeth Parris.

— Sim, Abigail quer trazer Elizabeth de volta para que elas possam retomar suas maldades. Para isso, Abigail aprisionou a Moura Encantada da Fonte do Castro e está forçando ela a cantar para capturar treze músicos. Eles serão usados num ritual para ela ressuscitar sua prima.

Eu mal ouço a porta do quarto se abrir, porém ao ver o Campeão na entrada do quarto fico mais calma.

— Elas estão no Theatro Municipal! Precisamos ir logo! Vamos, Alice, se arrume e suba!

Não tem como discutir uma urgência com um tigre gigante alado, apenas ajo e faço uma observação.

— Isso explica porque eles falavam em português e a rua da visão em forma de sonho me era familiar.

Eu pego a esfera onde o Oráculo vive e saímos voando para o Centro do Rio.

\* \* \*

No porão do Theatro Municipal, um círculo macabro com treze pessoas e seus instrumentos musicais (ou parte deles), amarrados uns aos outros, está formado. No meio dele, com a singela aparência de uma garota, uma das bruxas mais poderosas espalha os ossos de uma mulher, sua prima, em volta de uma caixa de música. Ao terminar, ela volta sua atenção para as vítimas presas.

— Ah, já é quase meia-noite. Despertem meus músicos! Eu quero que vocês toquem para mim e para a minha prima. Nós queremos um espetáculo como nunca antes!

Alguns dos músicos não acordaram com as palavras da pequena bruxa: estes foram os mais sortudos por não assistirem ao horror que viria a seguir.

\* \* \*

— Como Abigail pretende trazer a prima dela de volta Oráculo?

— Com a energia retirada da arte da música, Alice. Desde que Don McLean resolveu homenagear Buddy Holly, Ritchie Valens e J. P. "The Big Bopper" Richardson, ao gravar "American Pie" no ano passado e esta atingir grande sucesso já neste ano, a mesma tornou-se um mantra poderoso.

— Então...?

— Ela quer matar a arte música para trazer Elizabeth Parris de volta dos mortos.

\* \* \*

— E você, Moura Encantada, será a nossa soprano! Prepare-se para cantar!

A bruxinha abre a caixa de música e dela sai o espectro de uma bela mulher. Infelizmente sua beleza não dura muito e a transformação começa com o surgimento das correntes prendendo a Moura ao interior da caixa. Depois seus cabelos começam a cair como que

apodrecidos. Sua pela se abre em diversas pústulas espalhadas pelo corpo e suas vestes inicialmente brilhantes, tornaram-se farrapos.

A Moura ameaça atacar a menina bruxa, mas um pequeno gesto desta faz as correntes apertarem mais ainda a mulher esfarrapada.

Um segundo gesto faz as correntes crescerem em direção aos músicos presos, praticamente transformando todos eles num único ser.

Alguns dos músicos apenas gemem de dor enquanto outros gritam de horror, acordando quem ainda estava desmaiado.

As luzes elétricas se apagam para dar lugar às velas, uma para cada músico.

A bruxinha começa a dançar e...

\* \* \*

— Vamos entrar por onde, Campeão?

— Só temos tempo para um ataque surpresa pelo telhado atravessando todos os pisos. Segurem-se!

\* \* \*

A nossa entrada pelo teto do porão fez com que as velas se apagassem, porém o Oráculo tratou de ser nossa fonte de luz.

— “Volant”, Oráculo!

E assim, aproveitei para deixar o Oráculo numa posição que deixasse todo o ambiente iluminado.

— Campeão, cuide da Moura! Eu vou atrás de Abigail!

— Muito cuidado, Alice! De anjo ela só tem a cara!

— Pode deixar!

E sigo em busca de Abigail.

\* \* \*

— Não acredito! Logo agora que ia finalizar o feitiço fui interrompida! Ao menos consegui recuperar alguns ossos de você, Betty! Agora, só preciso fugir e...

— E você não vai a lugar nenhum, Abigail Willians!

\* \* \*

— Campeão, tenha cuidado! Os músicos acorrentados são inocentes e a Moura ainda está sob o domínio do feitiço de controle de Abigail.

— Eu sei, Oráculo! O que eu preciso é de uma oportunidade para partir as correntes e libertar os músicos.

— Para isso você precisa destruir a caixa de música. Enquanto ela continuar tocando, as correntes não podem ser partidas e a Moura continuará com estes ataques erráticos.

— Ótimo, ao menos eu tenho um alvo. Difícil, mas tenho. Pode providenciar uma distração, Oráculo?

— Num lampejo.

\* \* \*

— Ora, se não é a atual Guardiã. Apenas você para me deter?

— Desde quando você me conhece?

— Desde que os seus amigos Campeão e Oráculo mais a sua antecessora tentaram me capturar e converter no final do século XVII! E não faça essa cara de espanto! Eu sei que o conhecimento é sempre transmitido de uma Guardiã para outra!

— Não faço ideia do que você está falando.

— Pare de se fazer de sonsa, Guardiã! Mesmo com todas as informações que lhe foram passadas, você não vai me prender!

— Isso nós veremos!

\* \* \*

— Ótimo, Oráculo! Você deixou a Moura cega e desorientada!

— Avance, Campeão! É a oportunidade perfeita.

— Sim! Ao ataque!

\* \* \*

— Ouviu esta explosão, Abigail? O Campeão acabou de destruir sua caixa de música. A Moura não te obedece mais e as correntes que prendiam os músicos caíram.

— Não!

— Sim, e agora é a sua vez de se render. Sem o poder da música que a Moura concentrava e transmitia para você nada mais te sobra.

— Não, por favor. Eu só queria a minha prima viva de volta. Por favor.

— Pare de chorar, menina. Aliás, nem menina mais você é, exceto pela cara.

— Por favor, eu te imploro. Eu só queria a Betty de volta. Minha querida Betty de volta. Nossa infância.

\* \* \*

— Moura Encantada, acorde!

— Ela já vai acordar, Campeão. Se o impacto da explosão afetou você, imagine ela.

— Eu sei, Oráculo, mas eu preciso da ajuda dela para verificar a saúde dos músicos e ainda temos de ver como Alice está!

— Não se preocupe com a Guardiã, ela está se saindo como previsto.

— Ai, que dor horrível. Campeão? É você mesmo? E lá em cima é o Oráculo? O que houve? E onde estou?

— Acalme-se, Moura Encantada da Fonte de Castro. O pior já passou.

— Como assim?

— Você foi sequestrada por Abigail Williams. Ela te prendeu numa caixa de música para que você concentrasse a energia da arte música e ela pudesse trazer de volta sua prima Betty Parris. Ah, e você está no Rio de Janeiro.

— Céus! Consigo me lembrar agora! E ela me fez cantar aquela música “American Pie” muitas vezes!

— Sim, ela usou você como catalisadora e a música como mantra, mas agora nós precisamos da sua ajuda. Por favor, use a sua magia para curar estes músicos. Eles seriam sacrificados para trazer Betty de volta.

— Pode deixar, Campeão. Eu faço isso e também apago as lembranças deles destas recordações horríveis. Agora, vá atrás da Guardiã. Eu e os músicos vamos ficar bem com o Oráculo.

\* \* \*

— Pare com o fingimento, Abigail. Você não gosta de ninguém.

— É, pelo visto nunca vou convencer uma Guardiã dos meus sentimentos.

— Vamos, renda-se!

— Render-me? Nunca! Eu volto para lutar outro dia!

E num lampejo esfumaçado Abigail Williams sumiu.

— Ela fugiu de novo, não foi Alice?

— Sim, Campeão.

— Não se preocupe, ela voltará e teremos outras oportunidades. Agora vamos. Temos um teatro de ópera para consertar, treze músicos para devolver aos seus lares e levar a Moura Encantada de volta para Portugal.

— Sim, vamos. Sempre gosto de trabalhar com você e o Oráculo em nossas missões pelo mundo, mas o melhor de tudo é voar contigo pelos ares, desta vez ao som de muita música!





APRESENTAMOS O CONTO  
**AS MARCAS DO ESPELHO**

Por Amanda Magri de Abreu

**Sobre a autora: Artista, escritora e tradutora, formada em letras com especialização em tradução e interpretação, pós-graduada em Psicanálise e Arte, e atualmente cursa pós-graduação em História da Arte, tendo já realizado diversos cursos voltados para a área das artes no geral, como desenho, pintura, fotografia e moda. Encontra-se atuando na área da tradução literária há quatro anos, e possui onze livros traduzidos publicados até o momento. Entre seus trabalhos estão grandes obras como "Orgulho e Preconceito", de Jane Austen e "Noite e Dia", de Virginia Woolf.**

**O**lhei-me no espelho. O negrume vasto por trás do reflexo não condizia com a claridade que invadia através da vidraça da porta atrás de mim. O rosto era meu, mas a expressão era desvairada, os cabelos desgrenhados, os dentes apodrecidos. Mas era belo.

De alguma forma, a beleza dos traços misturada ao ar pútrido fazia ressaltar a melancolia e a fúria que existia naquele ser. E era eu.

Quanto mais eu me aproximava, curiosa, mais a figura enraivecia-se, agitava-se. Então, eu parei.

Ergui gentilmente o braço e a mão direita, articulando o movimento meticulosamente, até pressionar a mão levemente contra o vidro gélido. Tão gélido.

Mas o calor aqui fora era insuportável.

A criatura do outro lado recuou, com seu cenho franzido, perplexa por um instante. Como um animal, ou um ser de outra era. Então, imitando o meu movimento, ergueu o braço e a mão até tocar a minha.

Surpreendendo-me, o próximo movimento partiu do reflexo.

Erguendo o outro braço e a outra mão, tocou o espelho, e fitou-me firmemente nos olhos. Sua expressão era séria, quase austera; sua respiração pesada fazia seu peito subir e descer quase com violência.

Do meu lado, eu prendia o ar de modo que mal era capaz de respirar.

Seguindo seu exemplo, ergui o outro braço e a mão lentamente, observando o meu próprio movimento, quase como se tivesse vida própria, mas antes de tocar ali, fitei seu rosto mais uma vez, e seus olhos estavam embranquecidos, seus lábios estavam semiabertos e sua língua era inexistente.

Ali, mergulhei.

Senti o gelo consumindo as minhas veias e as minhas entranhas, em um movimento involuntário, fechei os olhos, e me perdi na escuridão vazia.

Imagens. Memórias. Elas passaram por mim como um pássaro agourento.

Todas elas em uma velocidade surpreendente.

Tentei puxar o ar, e ele não vinha, o sufoco e a angústia, o medo e o pesar, o fato de não respirar.

Abri os olhos.

E havia uma água rasa aos meus pés, uma água tão negra quanto o que estava ao meu redor.

Ao meu redor?

Olhei para trás, e lá estava o espelho, com o mundo de onde vim acontecendo lá fora, e eu estava em um lugar estático, frio e úmido.

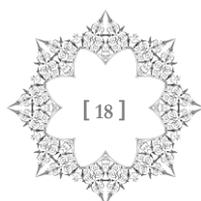
O outro ser, o outro eu, ainda estava comigo, estendendo-me a mão, com um sorriso sem sorrir. Aceitei a mão, e caminhamos juntas, só era possível ouvir um gotejar ecoante e o som dos nossos passos pela água sombria.

Alcançamos um outro espelho e, fitando através dele, pude ver um mundo outonal de verde e marrom, com cânticos que entoavam dali, mulheres e fumaças suaves. Porém, como em um pesadelo súbito, logo essa fumaça foi adquirindo uma intensidade descontrolada, consumindo as mulheres que antes estiveram tranquilas ali, os cânticos tornaram-se gritos e logo tornaram-se urros. O verde e marrom, vermelho e cinzas.

A mulher ao meu lado atravessou aquele espelho, incapaz de me mover, não pude impedir, e ela começou a arder. Sua dor me açoitava e comovia. A dor, era minha.

E quando me dei conta, fui puxada com um solavanco brutal para o lado oposto, sendo jorrada de volta através do espelho de minha casa, acertando o vitral com intensidade.

Olhei para os meus braços, e as marcas das flamas pareciam dançar zombeteiras sobre eles. Mas com as lágrimas que me invadiam, não pude ver mais nada.





**APRESENTAMOS O CONTO**  
**A CANTIGA DA BRUXA**  
**Por Bruno Farias**

**Sobre o autor: Paraense, Graduado em Letras-Língua Portuguesa (UFPA), Mestrando no Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia. Membro do Grupo de Estudos de Literatura Comparada do Nordeste Paraense (GELCONPE). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ensino de Línguas, Trabalho e Formação Docente (GEPELF). Tem experiência nas áreas de Língua Portuguesa e Literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino e aprendizagem de literatura, literatura brasileira, literatura contemporânea e literatura comparada.**

“Ele não virá mais”, ela disse. Angélica ficou consternada com a resposta da velha e sem muito o que fazer ali naquela pequena casa no centro da cidade, pegou o saco com os trocados que a velha lhe dera para comprar o restante da receita, pôs nos bolsos do vestido e saiu às pressas. Deixando para trás apenas o som dos tamancos de solado de madeira fazedores dos típicos barulhos ao encontrarem o piso de tacos. Matilde, a passos lentos, foi até a janela e acompanhou a moça – ainda que não fosse mais – que a olhou mais uma vez até sumir entre os corredores do Ver-o-Peso.

Já vira antes olhos parecidos, um misto de desapontamento, ânsia e revolta. Lembrou-se da jovem Matilde as margens de um rio, ingênua e encantada por tudo que vivera ali. As duas moças, esta que acabara de sair e a outra no rio, tinham muito em comum – e isso não seria uma coincidência – ainda na janela e divisando a baía a sua frente, caçoou ao dizer: “Malandro, malandro tu ainda andas a aprontar”. A já velha Matilde fecha a casa e acomoda-se na rede desbotada no quatinho de benzer ou maldizer, dependendo da ocasião. Em meio ao vai e vem e o ranger das escapulas a bruxa, antes de dormir, aos sussurros entoa uma cantiga de tempos antigos que começava assim:

*Era branco, era branco sim...*

*De um cheiro suave, lembrava pecado,*

*Em um rio aluarado, sorrindo pra mim...*

O rio estava igual ao da cantiga, como se a lua emergisse de dentro dele, de um branco que chegava a incomodar a vista, ela não tinha muito tempo para apreciar, até porque noites mais viriam e o rio continuaria ali e, além do mais, Eva havia pedido para que ela não demorasse, pois precisava aprontar o quanto antes a garrafada para uma menina grávida da vila prestes a parir. Os melhores ramos estavam mais ao fundo, fazendo com que Matilde erguesse a saia muito acima da coxa e a enrolasse nos cortes da calcinha e entrasse ainda mais no rio. E foi então que, muito sorrateiramente, ela viu um chapéu de palha se mover entre a vegetação a sua frente.

De início eles apenas se encararam e logo após Matilde quis correr para a margem, mas, como se ele a aprendesse, a moça não conseguia se mover, nem mesmo os olhos saíam de dentro dos dele. O tempo parou ao passo que ele vinha em sua direção, não nadava, andava, corria, tudo era encantado, um mistério. O sentia cada vez mais perto, e num piscar de olhos ele estava as suas costas sussurrando palavras inaudíveis, das quais

não fazia ideia ao que se referiam, mas que causavam inúmeras sensações jamais sentidas.

Ele a abraçou e ela retribuiu, tudo havia parado, o vento, os sons dos pássaros e animais ali próximos, as águas estavam em uma calmaria bonita de se vê, não se via peixes, apenas os dois em meio ao brilho do luar. Ela até que tentou ver o rosto do homem, mas havia algo que a impedia, e isso já não importava. Ele a beijou, e de início foi algo terno, puro até, porém ela – entorpecida pela atmosfera da noite – buscava mais, a ternura deu lugar ao prazer e ambos, já envolvidos em uma troca obscura e celeste, entregaram-se da mais completa forma que um ser se doa ao outro.

Quando terminaram o cenário continuava da mesma forma, no entanto Matilde teria de retornar à casa onde certamente sua tia a esperava inquieta por seu retorno tardio. Se recompôs, apanhou as ervas e tentou correr com as pernas submersas e não conseguia ir com a rapidez desejada, o homem então a pegou pelos braços e em questão de segundos ela estaria no pequeno trapiche a beira do rio. Se despediu com algumas palavras que obviamente ele as entendia, já ela – muito confusa – novamente não distinguiu uma sequer as quais o moço dizia.

A menina chegou pálida e ofegante a porta da pequenina casa da benzedeira Eva. Essa cortava algumas raízes enquanto em um bule fervia água para cozinhar as ervas que a sobrinha trouxera. Matilde estranhou o ar de complacência da tia tendo em vista sua demora e isso não seria normal, a julgar por casos parecidos. Mas a tia reparou que ela estava molhada e questionou, a menina, ainda nervosa, derruba o copo de barro e se adianta em pedir desculpas pelo atraso resultante do banho de rio que tomara devido ao calor da noite.

– Os dias estão cada vez mais quentes e as noites as acompanham, na verdade tudo aqui está fervilhando. Soubeste que tentaram matar o judeu? A vila inteira acredita que ele abusou da filha do coronel. – Eva comenta.

– Aquele senhor é estranho mesmo, outro dia vi ele rezando em uma língua que nunca tinha ouvido. Será se lá nas terras dele ele era feiticeiro? – a sobrinha pergunta.

–Deixa disso, menina. Tu sabes muito bem que a única bruxa da vila sou eu, aquele homem é só um pobre desafortunado e que logo o relógio para pra ele. Vamos cuidar na vida que a morte também galopa ao nosso encontro. – a velha terminou o remédio, arrumou as louças e apagou o lampião, a casa ficou num breu propício ao sono, mas naquela noite Matilde, ainda inquieta, não dormiu.

O crocitar do corvo ainda na madrugada desperta Eva, vai até a janela e lamenta pelo dia que surge ao longe “noite escura de vida, dia claro de morte”, ela diz ao seguir para a rede de Matilde. A menina já não está no quarto e nem tampouco na casa, a tia vasculha ao redor do sítio, mas não há nenhuma evidência da sobrinha por aqueles campos alagados, ficara ainda mais difícil de encontrá-la em meio a penumbra das últimas horas da noite. No entanto, a velha enquanto se lavava viu, por detrás das folhas secas, rastros de um ritual há muito não feito por ela, um par de chifre, duas asas e uma serpente morta, os dois primeiros costurados na rastejante. E visto isso, logo lembrou do que sempre ouvira a mãe dizer: “Deus não dá asas à cobra”. E em alguns metros dali, por entre as árvores, a menina caminhava cantarolando.

*De virar a cabeça, mexer com querer,  
Viver para ele, enlaçada na rede  
Elas fazem de tudo para assim o ter...*

Ele estava ainda na cama enquanto ela o observava pela fresta de madeira mal pregada. Naquela língua estranha que dissera ter ouvido dias atrás, o velho Benjamim rezava, palavras que diziam “*Sou grato a Ti, Rei vivo e eterno, por ter restaurado minha alma dentro de mim com misericórdia. Tua lealdade é grande*”. Matilde espera apenas o judeu terminar a oração e bate na porta, lá dentro ele oscila em responder, mas logo ela, com artimanha de quem sabe o que faz, pede ajuda para uma menina desesperada em meio aos perigos daquela hora do dia.

– Por favor, senhor, me ajude! – ela começa a chorar

Ele abre a porta muito depressa na tentativa de ajudar aquela moça, talvez de um perigo constante na região, a julgar pela noite que findava, certamente o boto andara por Miriti fazendo as arruaças de sempre naquela vila. Matilde entra rapidamente de modo que ao pisar na barra da saia de chita cai no chão de terra batida bem afrente do hóspede. Ele a levanta e ajuda a se limpar, mas o barro mistura-se as estampas do tecido e lá ficam. Ela explica, ainda ofegante, que está à procura de um fumo para ajudar no parto de uma amiga, ele vai até a cozinha em busca de tabaco, encontra e o entrega. Foi então que tudo aconteceu, Matilde olha para Benjamin compenetradamente e deslancha a falar em língua de cobra.

Os sibilos por um momento ludibriam os sentidos do velho que logo se desvencilha do encantamento, ele a empurra e diz.

– Se não podes morder, é melhor não mostrar os dentes, aprendiz de bruxa. – ele cospe nela como se cuspiasse na serpente de Adão e destilasse todo seu desprezo e fúria.  
– Sei o que quer e não posso te ajudar, vá embora daqui, já me bastam os muitos problemas que me arranjam.

Ela não disse uma palavra, tudo aconteceu muito rápido. Matilde começa a se despir e se arranhar, ele até tentou impedir, mas a situação ficou ainda pior. A garota se desprende das mãos do velho e sai pela vila a gritar. Conforme ela se aproximava do círculo de casas ao centro de Miriti, sangue escorria ainda mais dos braços e pescoço da garota. Talvez na ingênua tentativa de se justificar, o velho Benjamin segue o rastro da serpente até se deparar com portas e janelas se abrindo ao seu redor, lamparinas se aproximam dos dois, um ponto de esperança e acalento para o judeu em meio àquela escuridão de medo e injustiça. Porém, na medida em que os homens e mulheres se aproximavam, ele percebia que significavam o oposto.

– É ele, o homem branco! – Matilde chorando, rasgada e sangrando dera a sentença ao errante, há muito condenado – o boto!

Os homens vieram aos montes, trajavam ainda roupas de dormir igualmente ao boto de mentira. Também traziam facões, foices e tochas, mas o que de fato vestiam – e que assustaria até mesmo ao homem mais corajoso que se pudesse achar – era um ódio jamais visto naquelas terras, como se Deus a abandonasse. Os raios do dia começavam a surgir no fim do rio e esses fizeram com que o senhor no chão, o único a sentir a presença celeste através deles, clamasse por misericórdia, não daqueles homens já tomados pela fúria do demônio, mas do seu Deus, o único a ampará-lo após toda a injustiça que fariam a ele. E assim aconteceu, o abateram de todas as formas, ficando o golpe final ao coronel, a ingênua maneira de vingar as violações do boto a sua filha e as demais moças de Miriti.

Ainda entretidos com o corpo no chão não repararam no leve sorriso de satisfação que Matilde timidamente esboçou, exceto sua tia que caminhava por entre a multidão em sua direção. “É melhor a esconder atrás dos dentes, menina. Língua bifurcada também atrai a morte”, a velha aconselha a sobrinha. Matilde enrijece ao som das palavras e a encara por um curto tempo, ambas não falam absolutamente nada, poderiam ouvir as gotas de chuva caindo nas folhas ao longe até chegar na clareira e lavar o sangue do judeu naquele chão de injustiça. E, enroladas na capa de Eva, as duas bruxas partiram para casa.

*“Antes que a escuridão termine um inocente pagará, a vida nem sempre é justa, mas a morte irá julgar. Se fizeres o que eu digo, com lealdade, fé e sacrifício, o que pedires, sem perjúrio, o pai te dará”.* A tia apanha o corpo da criatura tecida pela sobrinha na madrugada de sangue e a joga na mesa em frente da outra. “Não foi isso que ele falou para você? Te daria o que mais deseja, não foi isso?” a velha perfura com um golpe voraz e um gemido e fumaça saem do retalho de búfalo, coruja e serpente. “Menina burra, ele não pode te dar o que queres, não vê que o que pedes é absurdo? Que é fraca demais para isso?” – Eva desdenha da outra – “Ele não virá mais. Pelo menos para você, decerto”.

– Ele vem sim, está tudo consumado, fiz o que ele pediu e dará certo. – Matilde foi tomada por uma emoção repentina, onde se via raiva, desespero e medo – Ainda hoje estaremos juntos, você verá, tia.

– Vocês já estão juntos, muito antes do amanhecer você comungava do seu querer, na verdade ele está em tudo. Na inveja, no desespero, na fome, na morte e injustiça, como vimos hoje – Os restos de animais desapareciam da mesa enquanto a tia falava – mas o que está feito está feito, e o que nos resta é seguir com os seus desejos. – Eva vai até Matilde, a beija os lábios, o ato demorou alguns segundos até que a sobrinha se deparou no corpo velho da tia. – agora sim está consumado, menina burra. – a nova Matilde desdenha da antiga, encarcerada em sua prisão sem muros. Ela balbucia e a outra entende.

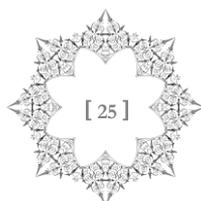
– Quem sou eu? Eu sou tudo o que disse a respeito dele e até mais que isso, sou a mulher do boto, a esposa do demônio, mas para você eu sou a morte – tendo dito isso, Eva dá um último beijo na sobrinha, no corpo da tia, que cai sem vida no chão.

Depois dos eventos ocorridos, Miriti não resistiu por muito tempo. As pessoas cada vez mais partiam da vila, como se o diabo tivesse varrido aquela terra, ninguém soubera, mas assim de fato ocorreu. Dizem que das últimas a deixar aquele lugar tenha sido a menina, e quando perguntavam pela tia, Matilde dizia que de todas as benzedadeiras ela foi a melhor e que, se hoje fosse versada em magia, devia tudo a ela. Meses mais se passaram até a jovem bruxa fechar as portas e seguir guardando seu segredo macabro.

*Por entre o tempo ele viajará, sua bagagem pesada ficará,  
A noiva o acompanha, sendo a cúmplice nas artimanhas,  
Em cada vila eles passam, se escondendo a miúde,  
Mas é chegado o dia em que pagarão,  
Sem ao menos perceberem,*

*Os pecados da juventude.*

A velha Eva, hoje Matilde, desperta do sono ao som dos tamancos de Angélica que chegara – ainda triste e raivosa – trazendo um par de chifre de búfalo, duas asas de coruja e uma serpente morta.



A full moon in a dark sky with silhouettes of trees and birds.

**APRESENTAMOS O CONTO**

# **A POÇÃO MÁGICA E O CAÇADOR DE CRIATURAS**

**Por Cecília Torres**

**Sobre a autora: Nasceu em 15/06/1965 na cidade de São Paulo, capital. Professora de português e inglês, Jornalismo em curso pela Faculdade Católica Paulistana, pós-graduada em Literatura e Língua Portuguesa pela Unip, pós em Docência do ensino superior pela Dom Bosco, possui várias publicações de contos e poesias pela editora Andross e pela editora Illuminare, Arca Literária, Editora Litterarte, Lura editorial, Litteris, entre outras; publicações de contos e honra ao mérito pela revista Conexão Literatura.**

**C**erto dia, Heitor resolveu montar o cavalo branco que ele tomava conta e partiu em direção à floresta sombria. Corria a galope o mais depressa que podia para não ser visto, galhos estalavam pelo chão, cortava caminhos por entre árvores grossas e seculares, pássaros voavam assustados podia-se até ouvir o ulular de uma coruja branca sentada rente a um toco de um tronco de árvore; cansado e certo de que era logo ali seu destino, parou bem defronte a uma cabana feita de palha e barro.

Desceu do cavalo e rumou em direção à porta abobadada de madeira o moço pode ver que bem junto ao centro da entrada havia uma argola que tinha o formato de uma cabeça de dragão: puxou pra cima o artefato e bateu repetidas vezes com toda força que possuía, seus movimentos trêmulos deixavam transparecer medos e receios; não demorou muito a porta foi abrindo vagarosamente podendo enxergar um ambiente escuro e logo em seguida uma rajada de vento trouxe uma senhora velha trajando um vestido preto todo desfiado, seus cabelos eram longos e acinzentados, queixo e nariz verrugentos, com um olhar severo havia surgido do nada vindo atender o pobre, maltrapilho e desafortunado juvenzinho:

— Sabia que você viria mais cedo ou mais tarde, trouxe o que eu pedi? — a velha senhora estendia a mão gesticulando e esfregando os dedos polegar e indicador subentendendo o sinal de quando pedimos dinheiro.

Heitor entendeu o gesto e atirou-lhe um saquinho felpudo amarrado com um cordão feito em couro contendo no seu interior várias moedas de ouro.

— Aqui está, espero que seja o bastante. — o rapaz aproximava-se com dificuldades no andar já que era manco. O jovem era cheio de bexigas pelo rosto e corpo, dentes podres e de aspecto repugnante, a feiura tomava conta de seu ser, e assim feio nenhuma mulher ousaria dar um beijo em tal criatura horripilante e asquerosa.

— Hummmmm - coçava a cabeça a velha bruxa- é pouco, só isso conseguiu juntar todos esses anos?

Heitor balançou a cabeça afirmativamente dizendo que era somente aquilo que pode arrumar.

— Pois só lhe darei a metade da poção mágica; de noite você será lindo, um príncipe; todas as mulheres irão se apaixonar por você, mas ao nascer do sol será novamente essa criatura horrorosa que você é. – A bruxa soltou um grito que somente as

velhas bruxas conseguem seguido de uma típica e conhecida gargalhada de suas companheiras.

Heitor virou o frasco goela abaixo e caiu desfalecido no chão; a capa que vestia escondia os espasmos da transformação que ele estava sofrendo, assim que acabou o efeito ele levantou-se e começou a passar as mãos no rosto — lisinho, as roupas limpas e novinhas exibiam um figurino de um verdadeiro Lord, deu dois passos sem mancar e o sorriso era como um colar de pérolas. Saltitante e feliz abraçou a velha bruxa e saiu.

Ainda ela tentou falar-lhe algumas recomendações a respeito da poção e a escolha que ele poderia fazer. Mas, não deu tempo saiu galopando o mais depressa possível para que pudesse chegar à noitinha no vilarejo em que habitava lá todos conheciam a história do jovem Heitor, sabiam que ele valente, era matador de dragões e vampiro atirava com seu arco e flecha em dragões que atacavam o vilarejo. Estes ao serem atingidos bem certamente em seus corações caíam já com o corpo em chamas se retorcendo e se transformavam em cinzas rapidamente e do mesmo jeito acontecia com os vampiros criaturas que datam originárias desde tempos mais remotos, os vampiros furavam os telhados das casas mais humildes, pois era muito fácil remover a palha dos telhados, primeiro em forma de morcegos bem maiores do que usualmente o são, eles iam cavando o telhado com suas garras igual como os ratos o fazem e quando terminavam o serviço, desciam diretamente acima dos quartos das moças virgens da região, parecia que o sangue delas eram mais puros e adocicados e eram os preferidos dos vampiros, dizia à lenda que essas criaturas viravam belos homens sedutores, mais tarde através dos séculos foram ficando mais difícil de serem exterminados...

Heitor alcançou logo seu destino, a pequena cidade estava em festa, podia-se ouvir a algazarra das pessoas, dançando, pulando ao lado de uma fogueira, alguns músicos tocavam melodias celtas ao som de flauta e tambores todos saltitavam alegremente em pares, foi quando o jovem transformado em um belo e atraente rapaz, um Lord príncipe, escolheu a moça mais bonita da festa, uma loirinha, de tranças e vestido simples, contudo nada perdiam para as princesas dos palácios, os dois dançaram em sintonia, foi quando chegou um dragão enorme cuspidando fogo espantando a todos. Heitor num ato heroico não deixou por menos e lançou mão de seu arco e flecha e rapidamente acertou precisamente aquela endiabrada criatura que num sibilo agudo caiu em chamas virando cinzas.

Aquela noite foi muito agitada, todos fugiram e ainda restavam os vampiros que atacavam as casas logo após os dragões, Apesar de que todos chamavam o Heitor para conter os ataques, na falta dele, viram que aquele moço misterioso e desconhecido guardava algumas semelhanças com o feioso Heitor, era mais jeitoso e igualmente valente. Não deu outra, precisou caçar e matar vampiros noite adentro. Até que o feitiço terminasse ao nascer do sol.

Heitor ficou desolado, precisava esperar uma próxima noite para aparecer e sabe-se lá quando sua amada iria dar as caras novamente. Foi quando uma brilhante ideia lhe surgiu à cabeça, promoveria uma grande festa e todos teriam que vir fantasiados. Deste modo, chamou Vitor seu ajudante mirim da capela que ele habitava. Pediu para que ele passasse de casa em casa anunciando o baile à fantasia onde todos iriam usufruir de bebidas e comidas à vontade e o que é melhor de graça.

Pareceu que levou séculos para chegar à data do baile, até que finalmente todos se preparavam para o grande dia, todos se divertiam dançando, bebendo e comendo as especiarias; Heitor ficou o homem mais elegante da festa, um capuz preto, roupas de tons alegres e joviais, esperava ansioso pela sua amada. Então, como numa névoa branca e cristalina eis que aparece a donzela toda trajada de um vestido perolado e uma máscara rosa que cobria os lindos olhos verdes.

O galante jovem, mais que depressa convida a amada para uma dança:

— Minha dama conceda-me esta dança?

— Meu amo, mas é claro que sim como nos velhos tempos. — respondeu Ralha. — seus olhos brilhavam em direção aos de Heitor.

Antes que o baile terminasse o apaixonado rapaz pediu a moça em casamento, mas esta negou com uma lágrima dizendo que seu pai já a havia prometido para um velho rabugento e comerciante que cobrava altos impostos em mercadorias a seu pai que acabou vendendo-a para ele.

— Vamos fugir Radha, e será na próxima noite você vem comigo. — disse Heitor para sua amada.

— Então, me espere na entrada da floresta sombria ao cair da noite. — interpolou Radha.

O que não podíamos prever era o triste destino de Heitor ser aquele lindo rapaz somente à noite, foi que Radha não conseguindo escapar durante a noite precisava

encontrar Vitor para avisar Heitor que somente durante o dia que seu pai estivesse fora os dois conseguiriam escapar. Assim que a aflita moça encontrou Vitor deu-lhe o recado.

Mais que depressa o menino foi avisar seu senhor.

Heitor esmurrou a mesa fortemente e pensou num plano, teria que cobrir seu feio rosto para que a amada não desgostasse e não quisesse fugir com ele, assim o fez. Pegou o cavalo branco encontrou sua amada durante o dia e agarrou-a pela cintura para junto dele em seu cavalo correndo o mais depressa possível.

Os dois fugiram para a floresta sombria e dessa maneira, Radha não percebeu nada de diferente apenas que ele se escondia por detrás daquele capuz, foi quando pararam ofegantes junto à sombra de uma árvore, Radha aproveitando um vacilo de Heitor puxou-lhe ligeiramente o capuz soltando um grito de terror e caiu desfalecida. Quando se recuperou já era noite e bem diante de seus olhos estava aquele que ela tanto amava ainda sem entender bem o que se passava foi logo indagando:

— Onde estou quem era aquela criatura horrenda na minha frente? — mal pude respirar de tanto susto que levei.

— Estou aqui para te proteger minha querida — ele já foi embora eu o enfrentei e expulsei-o com minha espada.

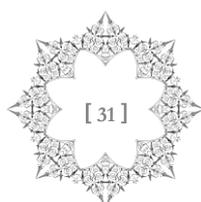
— Oh, meu valente senhor... — replicou Radha.

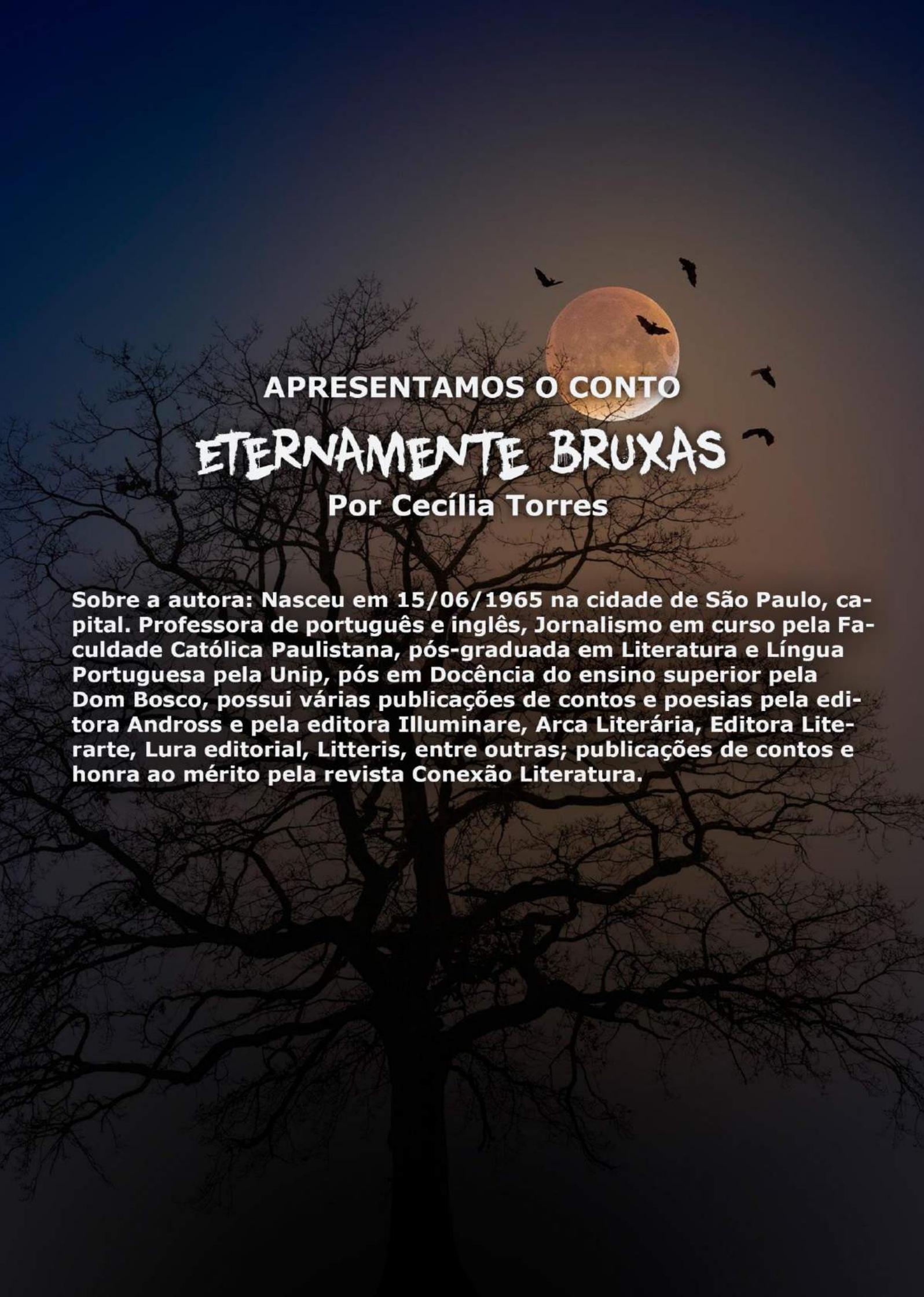
Chegou o dia em que Heitor, porque de dia sempre precisava fugir e se esconder, precisou revelar a sua verdadeira face: a maldição que tanto lhe perseguia a vida inteira, a poção mágica, a bruxa, tudo o que ele precisou fazer para estar com ela, mas o que ele não sabia era que a velha e malévola bruxa não lhe contou — *todos sabemos que ela não teve culpa não fosse a pressa dele.* — que seu segredo não podia ser revelado nem para sua amada nem para mais ninguém, e assim acabou-se o encanto da sua beleza. Voltou a ser feio e repugnante.

Radha ficou surpresa em descobrir que seu lindo príncipe era o homem mais feio e repugnante da pequena cidade, sabia muito bem a história da vida dele, que era órfão, solitário e não gostava de aparecer por causa da sua feiura. Entretanto, Rhada, não iria abandonar seu grande amor. O que não poderíamos prever era que aquela moça tão delicada e misteriosa conhecia de algumas ervas e alquimia, tal como as bruxas da floresta, deste jeito, conseguiu curar-lhe as bexigas e toda a sua feiura.

Na idade média, a mulher que conhecia ervas, cura e magia eram consideradas bruxa e se descobrissem era açoitada e morta pela fogueira. Rhada não teria chance em voltar para a vila.

Deste modo, os dois resolveram nunca mais retornar para suas casas e conseguiram construir uma casa no meio da floresta sombria; eles viveram felizes para toda eternidade. Não demorou muito vampiros e dragões apareciam de vez ou outra, mas a habilidade de Heitor em caçar monstros e criaturas jamais seria esquecida, quem sabe depois de séculos ainda existem escondidos na floresta sombria esses seres fantásticos que se escondem por entre a mata densa e sombria...





**APRESENTAMOS O CONTO**  
**ETERNAMENTE BRUXAS**

**Por Cecília Torres**

**Sobre a autora: Nasceu em 15/06/1965 na cidade de São Paulo, capital. Professora de português e inglês, Jornalismo em curso pela Faculdade Católica Paulistana, pós-graduada em Literatura e Língua Portuguesa pela Unip, pós em Docência do ensino superior pela Dom Bosco, possui várias publicações de contos e poesias pela editora Andross e pela editora Illuminare, Arca Literária, Editora Litterarte, Lura editorial, Litteris, entre outras; publicações de contos e honra ao mérito pela revista Conexão Literatura.**

**E**ra uma noite inteiramente iluminada por uma lua cheia e um tapete invólucro de estrelas luzidias que até dispensavam a luz de rua. Rúbia foi a primeira que sugeriu o sobrado da vizinha porque era alto e as duas árvores laterais davam para escalar até o telhado, já que a oferenda não poderia ser arremessada e sim colocada em cima do telhado de uma casa; já Valentina era medrosa e tinha receios do plano não dar certo: E se escorregassem ou um cachorro bravo as atacasse?

— Deixa disso, sua molenga, é desse jeito que você quer conquistar o garoto mais bonito da escola? Pare com esses receios, o livro de simpatias nos deixa bem claro: “pegue duas bananas, mel, um papel virgem escreva seu nome e o do pretendente, embrulhe numa folha de bananeira e deposite cuidadosamente em cima de um telhado”. Se você jogar ou atirar vai espatifar e o feitiço além de não funcionar trará até azar para nós duas. – brandou Rúbia já impaciente com a amiga.

— Tá, mas vamos arriscar nossas peles por dois meninos que já tem namorada e nem sabem que existimos? — replicou Valentina já em tom de retirada. “Não seria mais sensato esperar aquela excursão para o Camping e lá a gente dá um jeito de conversar com os dois e tentar conquistá-los?” pensou consigo mesma.

— Volte aqui, Tina, se você me deixar na mão, numa hora dessas, eu escrevo seu nome e do Alex no muro da escola, todos irão ficar sabendo e caçoando de você, e da sua grande covardia em não tentar conquistar seus objetivos. — esbravejou Rúbia, quase acordando a vizinhança.

Valentina ajeitava para trás uma das trança de seus longos cabelos loiros, com o rosto corado e cabisbaixo achou melhor, passar despercebida, levantar e colocar o capuz de sua capa preta. As duas jovens estavam vestidas a rigor, iguais como duas perfeitas bruxinhas. Rúbia era ruiva e possuía várias pintinhas nas faces, que somente os ruivos costumam ter. Ambas tinham ido a uma festa à fantasia e por essa razão trajavam-se com uma fantasia de bruxas. Já o plano da simpatia, vinha sendo arquitetado há mais de um mês, somente resolveram por em prática devido à facilidade das horas tardias e do disfarce de bruxas. Se descobertas, iriam se defender que estavam se divertindo e ensaiando um teatro para escola como bruxas.

— Empurra mais, estou quase alcançando o galho que dá pro telhado — Valentina bufava devido ao esforço.

— Mais pra direita, cuidado, senão o galho quebra, já estou quase conseguindo, vai; assim. Pronto! Conseguimos! – Comemorava Rúbia.

Nisso, um forte estalo e as duas foram despencando do galho, quando Rúbia segurou a mão de Tina e as duas começaram a flutuar deixando-se cair em queda livre:

— Uau, eu estou voando! — exclamou Tina.

— Nada disso, eu que estou te segurando, quer ver você despencar? — disse Rúbia, soltando a mão da colega.

— Aaaaai, meu Deeeus! — Tina despencou feio, caiu e desmaiou.

— Abestada, pensa que é você que tem poderes? — Tomou, abestada. — Agora vou chamar ajuda para te levar pro hospital. — Disse isso no ouvido da amiga desmaiada.

O resgate chegou rápido. Tina acabou quebrando o pé na queda e não se lembrava de nada do que havia acontecido naquela noite de Halloween, apenas que foram num baile à fantasia e que tinham feito uma simpatia e depois não lembrava mais nada.

Dia seguinte, a notícia correu longe nos corredores da escola. Todos comentavam de duas garotas que haviam ido a uma festa de Halloween e que na volta decidiram subir numa árvore e depois despencaram lá de cima, ainda uma delas acabou quebrando o pé. Zombavam das duas colegas, dizendo que elas estavam querendo voar e que só faltava a vassoura. Rúbia, é claro, com seus poderes, fez com que um dos zombadores escorregasse na casca de uma banana, caindo feio e todos riram do menino.

Fábio, cujo nome era o escolhido por Valentina, que mal sabia ter sido o alvo daquelas duas aprendizes de feiticeiras, ficou interessado em saber quem era a garota que quebrou o pé. Na hora do intervalo, deu de encontro com Valentina, que caminhava com dificuldades, com a ajuda de uma muleta, ofereceu-se para ajudá-la a ir até o pátio da escola, para tomarem o lanche juntos.

Depois desse encontro de Fábio com Valentina, todos os dias, até ela recuperar-se do pé quebrado, ele se oferecia para ajudá-la a ir até o pátio para tomarem o lanche juntos.

A namorada de Fábio rompeu com ele, morta de ciúmes e Valentina conseguiu o que queria, é claro que começou a namorar o crush.

Quanto à Rúbia, o nome escolhido foi Rogério, este era amigo de Fábio, os dois eram do terceiro ano do Ensino Médio. Valentina e Rubia eram do segundo. Por contrariedade, Rogério acabou ficando noivo da namorada e nem sonhava que Rúbia tinha tanta admiração por ele e queria namorá-lo.

Deveria ter algum jeito, quem sabe no próximo Halloween, que seria no dia trinta e um de outubro, o Ano Novo das bruxas. Rúbia iria tentar uma nova simpatia, mesmo sabendo que são sete anos de muita sorte e depois sete anos de muito azar, mas para o amor tudo se pode apostar. Rúbia subiu num telhado bem mais alto do que naquele dia da festa de Halloween e, em seguida, saltou confiante testando um dos seus mais novos poderes...





APRESENTAMOS O POEMA

# FEITIÇO, CRISTAIS E CALDEIRÃO

Por Charlene França

**Sobre a autora: Mestre em Literatura brasileira, professora dos ensinos fundamental e médio da Rede Estadual de ensino e autora dos livros: Diversus devaneios do cotidiano, Ao pé do ouvido, Sinestesia e Brevíssimos. Membro da Alto (Academia de Letras de Teófilo Otoni) e finalista do Prêmio baixada 2016.**

Um gato companheiro, sorrateiro  
Sobre o colo à mostra  
E um olhar verdadeiro, ao espelho  
É assim, início, meio e derradeiro  
Um mistério que se mostra.

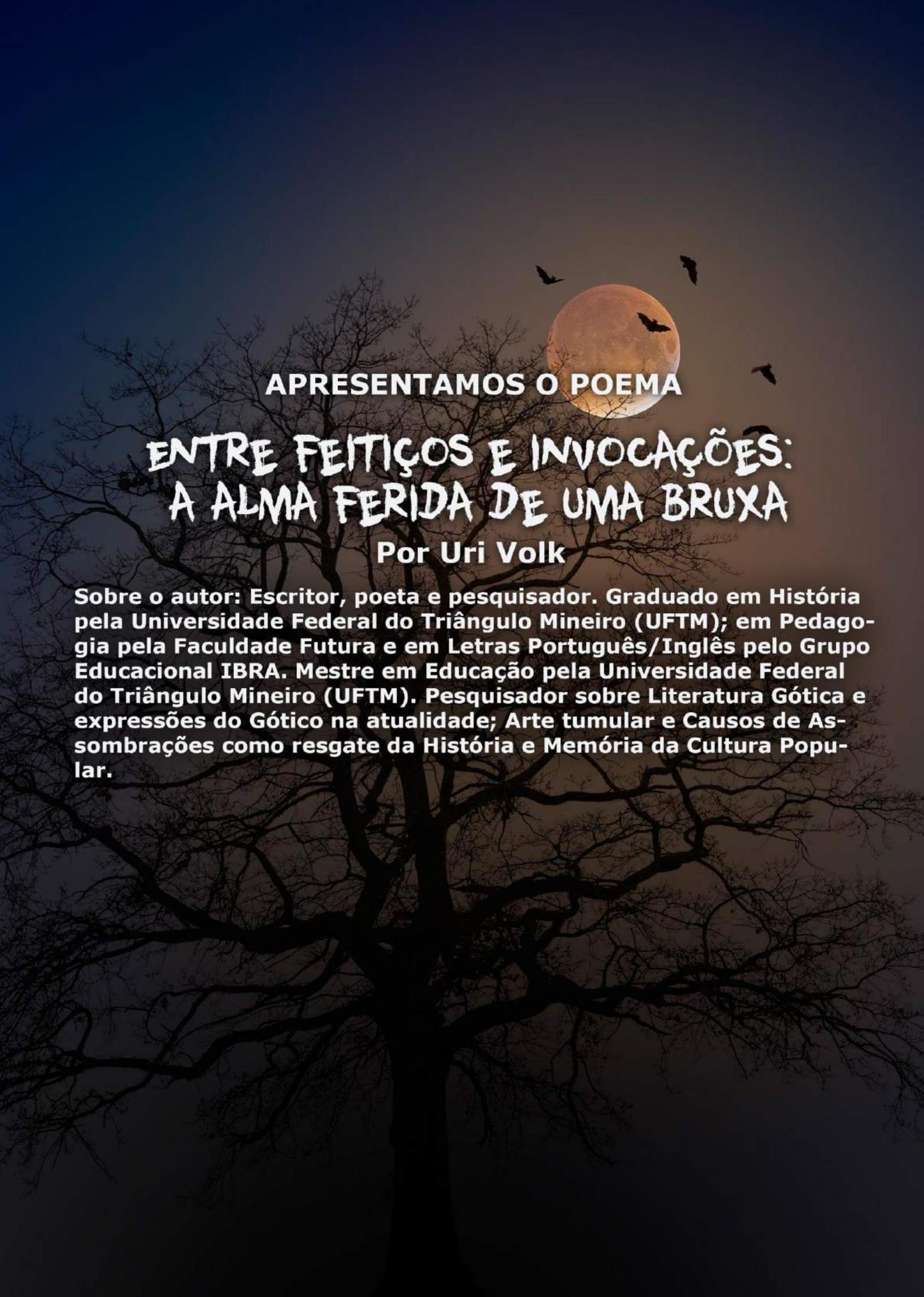
Pela fresta da porta entreaberta  
É luz da lua  
Cheia, ativa e radiante  
Que por aqui e adiante se esgueira  
faceira, nua e fascinante

Não é jovem, velha, tão pouco.  
Ela sequer se decifra ou define, imagine!  
E não há quem consiga  
Com dicionário, diálogo ou dialética  
Ter a métrica exata entre o nefasto e o sublime.

Se boa, ruim, sábia ou sisuda  
O gato silencioso e fiel amigo entre mundos  
É quem sabe e quem sente  
Que ela queria ser querida e somente.

E mostrar-se toda em mágoa, meiguice e intrepidez  
E talvez sem medo e sem assombro, sob as sombras  
Ser o que é e o que era  
Ao menos no *Era uma vez*.





**APRESENTAMOS O POEMA**

**ENTRE FEITIÇOS E INVOCÇÕES:  
A ALMA FERIDA DE UMA BRUXA**

**Por Uri Volk**

**Sobre o autor: Escritor, poeta e pesquisador. Graduado em História pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM); em Pedagogia pela Faculdade Futura e em Letras Português/Inglês pelo Grupo Educacional IBRA. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Pesquisador sobre Literatura Gótica e expressões do Gótico na atualidade; Arte tumular e Causos de Assombrações como resgate da História e Memória da Cultura Popular.**

Sou o calor a brisa que te escarpela.  
Sou a fina flor que te empala.  
A chama que não se apaga.  
Um rubi colorido com o sangue que escorreu de tua exposta víscera amarga.  
O perfume de morte que ainda exala.  
Rubra rosa que atíça tua libido que até tua razão se cala.

A mão que estrangula e, ao mesmo tempo, afaga.  
Rainha das poluições noturnas que, de desejo, te afoga.  
Sou teu ainda quente cadáver.  
Em terra, a tentação do ser.  
Num caixão solitário a ser velado.  
Levo-te ao paraíso, doce amado.  
Sou a noite do ser.  
Danço sobre teu cadáver.  
O anjo da morte que te deixas amedrontado.  
Pobre filho de Adão de caráter mal formado.

Sou o que tu foste.  
Arrancarei tua cabeça num certo corte.  
O apetite dos vermes que devoram teu corpo putrefato.  
Devorar tua carne me trará um prazer divinamente nefasto.  
A tua falta de sorte.  
Senhora Lupina de garra forte.  
O gozo do carrasco ao degolar-te com grandes olhos gratos.  
Bela mulher, fera indomada ao quebrar todos os seus ossos - pobres ratos.

Sou teu castigo, pobre amigo.  
Sou a consequência de tuas ações.  
Sou o veneno divino, podre amigo.  
Sou a serpente que te expulsará do paraíso, condenando-te ao inferno de perdições.

Não sairás ileso de seu abrigo.

Condeno-te por tuas perdições.

Minha vulva tem espinhos que decepará teu órgão, pobre amigo.

E em teu órgão causarei dolorosas lacerações.

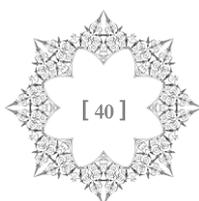
Um brinde a tua agonizante morte.

Humanidade - *Ad Eternum* gado de corte!

Sou o lado escuro da lua da morte.

Vinde Equídina - mãe de incubos e súcubos, a primeira mulher - Senhora Dona da Morte!

Eu te invoco, traga a mim a vingança a quem já amei, que um dia fora meu consorte.





APRESENTAMOS O CONTO  
**O CAMINHO DOS DOCES**  
Por Kátia Surreal

**Sobre a autora:** Autora do livro "Gradações hiperbólicas", membro vitalício da Academia Independente de Letras (AIL), participa das comunidades de escrita coletiva no Instagram Ecos Poéticos e Contos Livres, além de ter o próprio blogue Fugere ad Fictem. Contatos: <https://fugere-fictis-katia-surreal.webnode.com> e [https://www.instagram.com/katiasurreal\\_](https://www.instagram.com/katiasurreal_)

**M**aristela só filosofou sobre a fome a partir dos sete. Antes, só sentia os seus efeitos. Só que isso não foi algo tão inusitado assim, já que, sendo um ser pensante, uma hora entenderia o que não era certo nesta vida. Vivia num interior muito pobre do Maranhão, em Olinda, numa casa mal construída, de tapeira. Mas a história que vou te contar não é de fome, é algo capaz de arrepiar das unhas ao último fio dos cabelos.

Vou só enfatizar que família da pobre maranhense era alargada. Umás quinze cabeças, contando pai, mãe, irmãos, tia, primos e a avó, tudo num ambiente só, de, no máximo, 30m<sup>2</sup>. O clima local beirava o infernal, enquanto que, pra sorte dessa gente, o poço, meu deus, era a posse única da família. Só assim os desgraçados aguentariam o tranco pro dia seguinte de labuta, pois sem água não daria mesmo pra qualquer um que fosse encarar a luta.

Inté que houve vez que, antes de o sol arder no céu a pino, Maristela se distraiu lá fora, coisa de criança, sabe como é, ficou a se entreter com o balançar do capim local. A princípio, pareceu ter sido obra do vento, ou bênção da aurora, coisa assim, que dava movimento, talvez um sentido, à dança da moita. Logo, a menina afoita avistou em meio às folhas um objeto desconhecido: um doce embalado num papel muito atraente. Apesar de nunca ter visto uma bala comercial, nem tampouco artesanal, não errou quanto ao instinto de devorá-la. E sabe como é, né, onde se acha uma relíquia, outras mais haveriam de estar espalhadas por aí. Maristela teve o infeliz sentimento humano de guardar o ocorrido em segredo. Não que ela fosse alguém sem caráter, que não conseguia dividir, mas sabia que o doce encontrado era uma espécie de raridade em sua vida e não daria pra sair contando pros seus inúmeros parentes.

Enquanto isso, as horas foram passando e a casa já toda se agitando em seus afazeres diários. E o rango seria o de quase sempre: bolinho de barro cozido com sal. O corpo das crianças da casa, incluindo o de Maristela, vinha ganhando um formato esquisito com o passar dos tempos: braços e pernas se afinavam, à medida que os seus abdômenes se estendiam.

Como a menina demorou a entrar pra comer, ficou de fora do almoço da vez, e o que lhe restou, então, algo bastante habitual em sua vida, foi arrancar com as unhas o barro seco da parede e comê-lo. Assim, ela foi se empanturrando um bocado naquele dia. Há uns anos comia-se aquela casa. Não era tão difícil concluir que um belo dia uns devorariam os outros e vice-versa...

Depois desse episódio, os miseráveis, menos a mãe e a avó –, esta porque era muito velha e cansada; já a outra por ter de cuidá-la –, foram catar cana na lavoura. O serviço durava a tarde inteira. Durante o trajeto, enfileirados, Maristela, com discrição, foi reparando no chão em que pisava pra ver se achava uma bala. Mas nada. Então, o seu coração lhe disse que o doce só vinha no iniciozinho da manhã. Talvez, fosse vindo do céu.

À noite, a garota até sonhou com a suposta bênção. Primeiro com o doce, depois com uma misteriosa mulher, que, à lavoura, lhe atraía através de alguns gestos convidativos. Suas características físicas eram demasiado diferentes da sua gente: muito clara na pele da cara, o que contrastava com o seu trevoso cabelo esvoaçante. O vestido e o véu que lhe trajavam eram de tule, tecido tão delicado, que Maristela até concluiu que a tal só pudesse ser d'outro mundo.

E mal clareou o dia e lá se foi Maristela pra diante dos capins dançantes e na ponta do pé, que era pra não acordar ninguém, nem tampouco ter de dividir o seu pequenino prazer e sorte com os demais. Nisso, bastou olhar com força os matinhos, que, rápido, eles se avivaram, saracoteando de lá pra cá, entre a possibilidade de apenas ser o movimento natural do vento ou um encantamento. Assim, tão logo lhe apareceu outra bala engomada de papel prata, em meio ao verde da mata.

Dessa vez, entretanto, algo mais surpreendente aconteceu: uma fila de bala foi formando um caminho, sabia lá pra onde. Maristela sentiu-se intrigada com aquilo. Voltou-se pra trás e a casa ainda dormia, sob uma nuvem preta, apesar de nenhuma ameaça real de chuva. Mirou, então, pra cada canto donde estava pra entender melhor a situação. Viu, de chofre, um vulto em véu de mulher. Não foi uma vez só. De novo e de novo e de novo. A todo instante, a tal reaparecia e, súbito, sumia, como num ato de magia. Maristela, por sua vez, começou a se sentir confusa, inclusive, enjoada e com ânsia de vômito.

Até que, em sua última fitada pelos arredores, reviu a bela mulher, que a chamava insistentemente. E olha, amigo, por mais maravilhoso que este *causo* possa parecer, tenho ainda por dizer que a tal era como a dos sonhos de Maristelinha. Mas como alcançá-la? Pensou, certamente, a menina. A mulher parecia perto e longe ao mesmo tempo, coisa muito esquisita, sabe; sendo que, em questão de segundos, ela ficava invisível, depois voltava, conforme já disse. Todavia, não foi difícil compreender que os doces pelo chão conduziam até ela. A menina, então, foi seguindo a trilha e, claro, foi catando cada bala que encontrava em seu caminho, enfiando-as depressa na boca. Por conta disso, nem foi

reparando e gravando a rota do seu destino. Apenas se preocupou em catar as guloseimas. E, assim, foi se indo catando e andando; andando e catando, sem parar.

Após percorrer longa estrada a pé, deparou-se com uma linda casa colorida. Observando bem, se deu conta que a casa era de doces, cheirando à chocolate. Hum! A barriga da garota logo roncou mais alto do que um trovão na milagrosa ocasião. Na porta de entrada, a sua anfitriã já a esperava: a tal mulher misteriosa dos sonhos e dos caminhos. Só que agora, mais de pertinho, pôde notar que seus olhos eram mais fundos e trevosos do que o poço do seu quintal. Apesar das vestes serem as mesmas de outrora, tão leves, agora a menina via que a enigmática tinha uma carga pesada, da qual lhe sobressaía de sua essência. Dessa forma, a tal foi logo lhe dizendo: “Entre, garotinha!”.

Assim que Maristela entrou na casa, a desconhecida fechou a porta com boa dose de brutalidade. A criança, coitada, não teve nem a chance de saborear a casa, porque imediatamente foi devorada pela macabra bruxa da casa de doces. Ou melhor: de horrores. Tivesse a pobrezinha mais conhecimento acerca das historietas populares sobre as tinosas, certamente não teria caído nessa emboscada. Ah, mas como já dizia o ditado: “nem tudo que reluz é tesouro”. E não é mesmo?

Quanto à família de Maristela, nunca teve uma notícia sobre ela. Enfiaram os mais velhos no coração que foi sequestro; já os primos e os irmãos ficaram na esperança de a menina ter se enfiado por uma doida rota, com o intuito de fazer a vida, e, quiçá, voltar no próximo verão. Só sei dessa história que toda casa sempre será devorada. Pelo tempo, pela fome ou pelas ilusões. Isso é muito certo, meu irmão.





**APRESENTAMOS O CONTO**  
**O GATO DE NOVE CAUDAS**  
Por Ney Alencar

**Sobre o autor: Natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Advogado, Professor, Pintor e Psicopedagogo. Tem contos publicados em 07 e-books (Histórias para Ler e Morrer de Medo I, II, IV e V, O Livro dos Mortos, Antologia de Ficção Científica e Van Helsing Caçadores de Monstros) e participou de 11 antologias de contos (Portais, Excalibur, Phantastikós, Terra do Nunca, Smash, Horror Além da Compreensão, Bestiário, Malditos Lobisomens, Era uma Vez, Cartas ao Mar e Bloody Mary).**

“Venham bruxas, é Lua Cheia,  
O círculo se forma, a fogueira incendeia,  
O chamado é pungente, o Mestre espera,  
Pois é sexta-feira de Lua Cheia!”

Calção Folclórica de Guay

**A** Velha Cinzenta de um olho só morava em uma casinha da extensa Charneca de Guay, perto das bordas das terras que conhecemos!  
Seu nome tenebroso foi esquecido há muito tempo, desde a época longínqua quando Aquiles foi lutar em frente às muralhas da maravilhosa Tróia.  
Ela já era velha naquela época!  
Não há uma lenda antiga suficientemente sã para lembrar-se de uma menção sua.  
Não há ninguém que se lembre nos dias de hoje de quando ela foi moça, mesmo entre os adormecidos deuses antigos, mas dizem certas lendas esquecidas, escritas em um papiro da velha Biblioteca de Alexandria, que ela já foi donzela e que morava em uma torre cúbica de tijolos vermelhos e teto verde cheio de malvas-rosas, nas praias da imorredoura Atlântida, antes que esta fosse engolida pelo oceano ciumento.  
A Velha Cinzenta era uma bruxa de verdade! Uma bruxa sinistra e má!  
Não que ela andasse de vassoura voando por ai, isso ela não fazia, não era afeita à viagens aéreas desde os tempos da mocidade.  
Tinha uma vassoura de cabo preto grosso e ponta cogumeluda e roxa com cerdas brancas impecáveis, porque precisava para manter sua casinha limpa e em ordem e para outros assuntos mais sutis e conspícuos.  
Dizem que possuía um caldeirão grande, vermelho carmim de borlas douradas, no qual cozinhava beberagens lúbricas e poções concupiscentes e vez por outra uma criancinha incorrupta, e que para isso o mantinha sempre limpo e asseado, coisas do ofício.  
Possuía também um pequeno caldeirão de ferro cru com runas secretas em volta da borda e uma biqueira de prata, com uma pequena moosa do lado externo, porque o havia emprestado certa vez à feiticeira Ceridwen e esta lhe devolvera assim. Não o emprestara mais!  
Possuía um jardim de rochas coloridas diabolicamente parecidas com silhuetas humanas atrás de sua casinha e às vezes pela manhã e no fim da tarde conversava com as pedras como se fossem pessoas.

Dizem algumas lendas obscuras e caliginosas sussurradas nos degraus de Mêmphis e nos antigos Jardins da Babilônia que estas pedras um dia foram pessoas que cruzaram o caminho da Velha Cinzenta. Mais não se sabe de tal assunto anfigúrico!

Como disse era uma bruxa sinistra e como tal tinha encontros regulares com o Grande Mestre de todas as bruxas às sextas-feiras após a meia-noite, religiosamente, em uma campina aberta ao norte da Charneca de Guay.

Era afeita às criancinhas, preferindo-as sempre cozidas ou cruas e não assadas, porque seus dentes alvos e afiados já não eram assim tão bons!

O povo da cidade próxima à Charneca de Guay era muito cioso disso e guardavam seus filhos à sete chaves, mas a Velha Cinzenta jamais faria tal coisa com as criancinhas de lá, pois prezava muito a tranquilidade da vizinhança e não queria problemas com os vizinhos.

Era sozinha! Sempre o fora! Dizem, e aqui preciso ser muito meticuloso e sincero, que havia histórias da época em que os rododendros ainda possuíam os cinco Reinos das Madressilvas, e da era em que as flores silvestres possuíam suas sete cidades à beira-mar, histórias que hoje são apenas sussurros contados pelo vento às margaridas e repetidas apenas pelas abelhas na primavera, que a Velha Cinzenta certa vez tivera um gato!

Não era um gato comum, nem mesmo era preto como os de suas outras comadres, era um gato de Nove Caudas! Um gato mitológico, extremamente raro e elusivo, daqueles que já não existem nos dias de hoje nas terras dos homens!

Não existe senão um deles há cada vez nas terras mortais, pois eles são o produto esdrúxulo da união blasfema de uma raposa e de um gato e tal coisa só ocorre em intervalos de eras, como o vagar do tempo!

Ela o encontrara por acaso quando voltava de uma de suas reuniões acaloradas com o Grande Mestre das Bruxas, em uma madrugada fria na qual caía uma garoa fina.

Ouviu um miado rouco vindo da margem daquele grande rio chamado Oceanus que bordejia as montanhas Rifeanas que se erguem ciclópicas na beira do mundo mortal.

Aproximou-se cautelosa, pois o adiantado da hora não era propício à passeios por aquelas margens perigosas e desertas, nas quais, se não incautos, podemos encontrar sereias e outras criaturas menos amistosas e mais perigosas em suas caçadas noturnas.

Perto de uma pedra preta viu um saco fechado cujo interior coleava e se debatia.

Pegou-o com um cuidado desusado e o abriu.

A cara peluda que a olhou do interior do saco, com um olho azul e outro verde, como os dela um dia haviam sido, foi suficiente para arrancar à contragosto um sorriso de seus lábios que não eram afeitos àquele tipo de expressão facial.

A Velha Cinzenta tirou a pequena criatura do saco pelo pescocinho trêmulo e o olhou à luz de uma velha lua amarelada que, curiosa, havia surgido por entre as nuvens de garoa.

A pequena criatura de pelo meio esverdeado meio azulado balançou suas nove caudas e olhando a Velha Cinzenta nos olhos miou novamente.

A Velha Cinzenta colocou o filhote em um dos inúmeros bolsos de seu casaco amarelo e impermeável, bolsos grandes e profundos, capazes de acolher com volúpia uma criança gordinha e escondê-la inteira, e voltou para sua casinha.

Nos dias que se seguiram a Velha Cinzenta visitou várias vezes seus vizinhos na cidade próxima à Charneca de Guay, algumas vezes para comprar leite fresco e outras peixe, o que os deixou deveras intrigados e amedrontados, pois não sabiam que horror tirânico ela estava planejando!

O filhote cresceu, em tamanho principalmente e em astúcia, e logo estava quase tão grande como uma pantera gorda, com sua pelagem brilhante de azul e verde. Suas nove caudas estalavam como um chicote quando estava feliz!

A Velha Cinzenta o amava ternamente como à um filho.

Seus hábitos ariscos e temerários, de caçar cães pelas ruas da cidade próxima À Charneca de Guay nas madrugadas escuras da lua nova logo foram execrados pela população em geral e pelo prefeito em particular, que perdera seus dois poodles, seu mastim premiado e seu yorkshire campeão!

Tão contrafeitos ficaram seus vizinhos que fizeram uma grande reunião na prefeitura para ver quem iria levar o caso à Velha Cinzenta para que ela se livrasse do gato!

Nenhum se prontificou! Todos tinham família em geral e amor à vida em particular!

Mas algo precisava ser feito sobre a fera devoradora de cães!

O prefeito de forma inescrupulosa e ilicitamente contratou um velho e astuto caçador, chamado Sir Jáper Caça-Monstros, lendário e inescrupuloso caçador de criaturas mitológicas que já havia capturado o elusivo tricorne negro nas pradarias selvagens da mongíia e que conseguira cortar uma garra do tamanho de uma boa espada das presas do temível Pássaro Rukk, essa monstruosidade, que habitava os píncaros selvagens das montanhas vulcânicas de algumas ilhas desconhecidas nos mares da distante Khatai, e

que havia caçado e empalhado o perigosíssimo Amphisbaena, glutão terrível que habitava os desertos que bordejavam as cataratas superiores do Rio Nilo, na decrepita África.

Dizem até que havia conseguido uma pena da asa de um grifo e um punhado de cinzas da Fênix, mas estes certamente são apenas causos de caçador!

Fato é que o tal caçador veio, e cobrou uma fortuna, para lidar com o gato da bruxa!

O prefeito acertou o preço, depois de muito pechinchar, pois era apenas um gato.

Uma noite sem lua o bichano lambeu os dedos da Velha Cinzenta e saiu para caçar cães na cidade próxima da Charneca de Guay... e não foi mais visto!

A velha Cinzenta não notou seu sumiço senão três dias depois, quando preparou a tigela de leite e mel e os peixes com ervas finas e o gato não veio.

Olhou em sua bola de cristal rosado e viu, com seu único olho bom, o direito que era o azul cor de safira, com efeito terrível, o caçador astuto recebendo sua paga pelo serviço feito.

A cólera, esta amiga nem sempre bem-vinda, pulou sobre os ombros da Velha Cinzenta e o ódio, este amante da intriga, incendiou seu coração com a vingança e a perversidade!

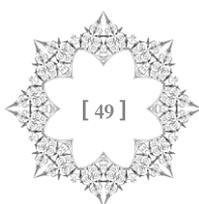
A Velha Cinzenta saiu para a porta de sua casinha e olhou para os lados da cidade próxima à Charneca de Guay e a grama naquela direção secou sob seu olhar maligno e vil!

O tempo continuou seu caminho inexorável, mas desviou-se cuidadosamente com certa cautela desusada quando passou perto da casinha da Velha Cinzenta, pois a cólera que esta plantara sob a grama seca crescia abominável e odiosa e devorava tudo em seu caminho, e seguia incessante seu caminho estéril em uma direção apenas!

Não existem histórias que falem sobre o fim vil e perverso que caiu sobre a cidade próxima da Charneca de Guay, nem sobre o destino horripilante e atroz que tiveram seus habitantes, nenhum escapou à sanha da Velha Cinzenta e assim não sabemos sequer o nome da cidade próxima à Charneca de Guay!

Ainda hoje ele permanece desconhecido da memória humana, como coceira indesejável que não se pode coçar!

Os viajantes que ousam atravessar a extensa Charneca de Guay, perto da borda das terras que conhecemos verão ver uma casinha solitária plantada ali, com uma varanda frondosa e um canteiro bizarro de pedras coloridas, e se forem espertos se desviarão para outra estrada, porque não é seguro cruzar o caminho da Velha Cinzenta!





APRESENTAMOS O CONTO

# O PÁSSARO DE PLUMAS DE CRISTAL

Por Ney Alencar

**Sobre o autor: Natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Advogado, Professor, Pintor e Psicopedagogo. Tem contos publicados em 07 e-books (Histórias para Ler e Morrer de Medo I, II, IV e V, O Livro dos Mortos, Antologia de Ficção Científica e Van Helsing Caçadores de Monstros) e participou de 11 antologias de contos (Portais, Excalibur, Phantastikós, Terra do Nunca, Smash, Horror Além da Compreensão, Bestiário, Malditos Lobisomens, Era uma Vez, Cartas ao Mar e Bloody Mary).**

Nas Charnecas perdidas de Guay  
Porque podes achar o que não queres  
Ou a Velha Cinzenta!”

Velho Adágio de Guay

**A** beleza inumana de Axianása era lendária!  
Era a mais lida de todas as ciganas que já perambularam pelas terras dos homens. Sua tez era da cor da canela madura e mourisca, seus lábios como pétalas macias da orquídea da longínqua Sabah, seus cabelos negros como azeviche lisos como as penas do rouxinol, seus olhos azuis e verdes como poços das águas profundas do oceano que envolve a terra, suas curvas lascivas e temperadas eram a perdição de reis e cavaleiros.

Sua dança mundana e libidinosa mesmerizava o mais conspícuo eunuco e sua voz maviosa encantava e assombrava para sempre aqueles que a ouviam. Acima de tudo, porém, era ainda mortal! O tempo era seu único amante!

Não havia homem ou deus que ganhasse seu coração, porque seu coração era estéril e nele não vicejava nenhum tipo de sentimento ou emoção, nem o amor tinha raiz.

Tal coisa não era natural, pois ela havia nascido inteira e quando criança ria e chorava como todas as outras crianças e amava e se apaixonada, ainda que não por homens.

Quando cresceu, porém, houve um fato sutil que tornou empedernido seu destino.

Certo dia de primavera, quando passeava pela feira que acontecia todas as sextas-feiras e domingos em uma vila ao sul da Charneca de Guay, ela encontrou-se por um acaso imprevisível da sorte com uma velha senhora vestida de cinza, que tinha um olho verde e outro azul, assim como ela e riu da estranha coincidência! Dizem que esta velha não era outra senão a sinistra Velha Cinzenta que habitava uma casinha de tijolos na Charneca de Guay e que ia à feira naqueles dias determinados para comprar ervas para suas poções lubrificas. A velha enfureceu-se com a risada cristalina ad bela moça, pois pensou, ainda que erroneamente, que esta estivesse à zombar dela.

A ira subiu-lhe pelo rosto encarquilhado e seus olhos acenderam-se em fogo cruel.

Sua boca vil soltou impropérios, que somente fizeram aumentar a risada alegre da moça, e uma maldição saiu maléfica e horrenda com a forma execrável de um temível fantasma sem rosto que aproximando-se da bela cigana e mergulhando em seu peito as mãos tenebrosas tirou de lá a fertilidade de seu coração, mas deixou-a viva!

Deste dia em diante a bela cigana não sentiu mais amor, nem romance ou sequer uma paixão corriqueira, e guardou seu coração estéril em um vidro azul bem fechado sob o toucador. O tempo a amadureceu, sua beleza desabrochou mais inumana e lendária!

Sir Algarin, cavaleiro menor da coorte do lendário Arthur, soube da beleza fantástica da cigana e atravessando as terras que conhecemos e penetrando nas terras imortais veio até aquela vila ao sul da Charneca de Guay. Ali a viu, na feira da sexta-feira, comprando morangos e mirtilos e apaixonou-se perdidamente por ela.

Ele mesmo um bravo e valoroso cavaleiro, que já havia conquistado armaduras de uma vintena de adversários temidos e derrotado gigantes e pequenos dragões correu até ela e jogando-se aos seus pés, e que belos pés, a pediu em casamento. Ela riu, riso cristalino, destituído de qualquer emoção, cruel como as planícies desérticas acima das terras da grande muralha do oriente que seu povo percorrera por séculos antes de atravessarem para as terras imortais. Depois virou-lhe o rosto e foi embora. O cavaleiro a seguiu, rogou-lhe seu amor, ela foi inflexível, não sentia nada por ele! Nem mesmo compaixão!

Sir Algarin, porém não desistiu nem se deixou abater, estava decidido a ganhar o amor da bela cigana mesmo que para isso precisasse realizar os feitos mais esdrúxulos e as tarefas mais árduas.

Começou limpando metodicamente os bosques que cercavam a vila de todos os bandidos e salteadores que ali faziam sua morada, mas isso não foi o suficiente.

Matou o abominável gigante de Skai, o tenebroso canibal que atacava os incautos e desprotegidos viajantes e os devorava e que habitava as cavernas do sopé da montanha nevada que distava apenas dois dias de viagem da vila, mas isso não foi o suficiente.

Derrotou o temido Cavaleiro Amarelo do Convento da Laranjeira, o execrável biltre que raptava donzelas e moças das vilas e cidades próximas da Charneca de Guay para se aproveitar libidinosamente das mesmas em seu castelo luxurioso, verdadeiro antro de lascívia e pecado!

Nada disso o aproximou mais da bela cigana!

Foi então que ouviu, certa vez quando bebia cerveja quente com ervas na taverna escondida das Quatro Moscas, sobre as propriedades mágicas do pó das penas do Pássaro das Plumias de Cristal!

Esta ave fabulosa, que faz seu ninho solitário com as penas de outras aves, no topo da estranha e notória árvore de Chu-Chub que só cresce na vertente esquerda daquelas montanhas ciclópicas chamadas Rifeanas que bordejam o mundo.

Suas penas peculiares possuíam as propriedades benfazejas de restaurarem a fertilidade de um coração partido ou mesmo de um coração estéril. Sir Algarin decidiu-se por encontrar a ave maravilhosa e obter o pó de suas penas. Era jovem e belo e a loucura da juventude ainda corria solta em suas veias. Encontrar o caminho para aquelas montanhas ciclópicas que bordejam o mundo não era tarefa fácil e durante muito tempo errou pelas terras dos reinos dos homens procurando qualquer notícia delas.

Lutou com os sarracenos nas areias de seus desertos e fez guerra contra os etíopes e os turcos em seus reinos opalescentes e exóticos.

Gastou os anos de sua juventude naquela busca inútil até que pôr fim quando voltava de uma razia nas bordas da penumbrenta floresta negra calhou de ouvir sobre uma velha que conhecia o caminho para o lugar que procurava. Uma velha que habitava uma casinha de tijolos amarelos em um vale no interior da floresta negra, um lugar evitado pelos outros habitantes e mesmo pelos caçadores, porque diziam que era uma bruxa.

Sir Algarin não acreditava em bruxas, assim procurou a velha.

Encontrou-a enquanto esta conversava com um grupo de pedras no jardim atrás de sua casinha. Era uma velha de cabelos amarrados em trança branca e que vestia-se de vermelho com um cinto de couro de serpente ao redor da cintura e pequena bengala de castão preto.

Ela sorriu ao vê-lo chegar, pois por ser uma bruxa sabia quem ele era e o que queria e o disse à ele, acrescentando que sua busca era inútil porque a mulher que amava não o amava, seu coração era estéril e ela não iria mudar, não queria mudar. Ele não conseguiria quebrar a maldição!

Sir Algarin não se convenceu e perguntou à velha de vermelho como poderia chegar até aquele lugar nas montanhas Rifeanas onde brotava a árvore Chu-Chub e onde vive o pássaro das plumas de Cristal.

Ela balançou a cabeça, mas ensinou-lhe o caminho.

Sir Algarin o aprendeu, era árduo e tenebroso, difícil e solitário, mas isso não o fez desistir. Partiu! Deixou para trás as terras que conhecemos e entrou nas terras imortais dos sonhos dos homens. Viajou pelos Reinos dos Elfos e durante as noites pode ouvi-los cantando suas canções imorredouras e maviosas sob a luz de uma lua grande e gorda e também sob a luz das estrelas frias e uma vez pensou que tivesse visto a silhueta de um deles sob o clarão do luar. Passou pelo Reino dos Anões, suas cavernas majestosas escondidas

cheias de tesouros riquíssimos, mas não procurou por eles nem mesmo os viu, eram por demais orgulhosos e sigilosos para ele.

Caminhou longamente pela terra do gelo eterno e quase morreu sob as terríveis tempestades de neve e avalanches cruéis que desciam das montanhas titânicas e muito poderíamos contar sobre suas aventuras nestas terras, cheias de prodígios e de morte, mas essas histórias não tem lugar aqui. Basta dizer que escapou dos tremendos gigantes do gelo, mas perdeu a mão esquerda na luta mortal contra um dragonete solitário.

Cruzou as Planícies da Ira, cheias de vulcões e sobreviveu aos iracundos gigantes de fogo, dali também contaríamos histórias maravilhosas e terríveis, mas não cabem aqui.

Cruzou os Pavilhões do Esquecimento e atravessou as Portas de Marfim do Santuário da Vasta Face. Ficou velho e seu cabelo embranqueceu antes que chegasse ao fim de sua busca. Enfim chegou às montanhas Rifeanas e encontrou, em um vale sombrio e escondido a lendária árvore de Chu-Chub e em seus galhos o ninho do elusivo e maravilhoso pássaro. Armou sua arapuca, que lhe presenteara a bruxa, e capturou sua presa preciosa.

Retornou por sobre a borda do mundo e afinal chegou à vila que ficava ao sul da Charneca de Guay. Numa quinta-feira Sir Algarin reencontrou a bela cigana e ajoelhando-se à sua frente deu-lhe o pó das penas do pássaro das plumas de cristal para que ela tirasse aquela esterilidade de seu coração para sempre. A bela Axianása, no entanto, apenas pegou a caixa com o pó maravilhoso e a esvaziou ao vento. Sem dizer uma palavra voltou-se e foi embora.

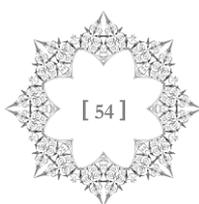
Sir Algarin viu aquilo com lágrimas nos olhos e sua esperança e seu amor afinal afogaram-se nos olhos cruéis e frios da bela cigana. Levantou-se e foi embora.

Dizem que tornou-se um mercador e viajante e que fez fortuna nas terras imortais vendendo os berloques e souvenirs que colecionara em sua celebre busca, não se casou, mais não sei dele, nem é dito aqui.

De tudo isso, a coisa mais estranha foi o que um viajante contou ter visto quando passou certo dia de terça-feira no fim da tarde pelo caminho que corta a Charneca de Guay.

Contou que na varanda da casinha de tijolos vermelhos viu a bela cigana Axianása tomando chá de hortelã e menta com a Velha Cinzenta e que lhe agradecia por tirar seu coração e poupá-la dos dissabores e dos aborrecimentos de amor e de sofrer por amor!

E riam-se as duas!





**APRESENTAMOS O POEMA**  
**BRUXA QUEM? EU?**

**Por Jhala**

**Sobre a autora: Ela é professora, psicopedagoga, especialista em neuroaprendizagem. Autora de 2 livros infantis e 3 artigos em livros didáticos.**

**Adora crianças, filhos, netos e alunos, ex-alunos também. Dizem que tem mel com crianças e isso lhe dá o maior prazer.**

**Às vezes outras pessoas se incomodam com isso, mas o importante para ela é aproveitar esse dom.**

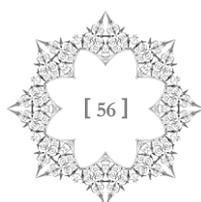
**Acolher e abraçar sem dúvida de ser feliz no afeto.**

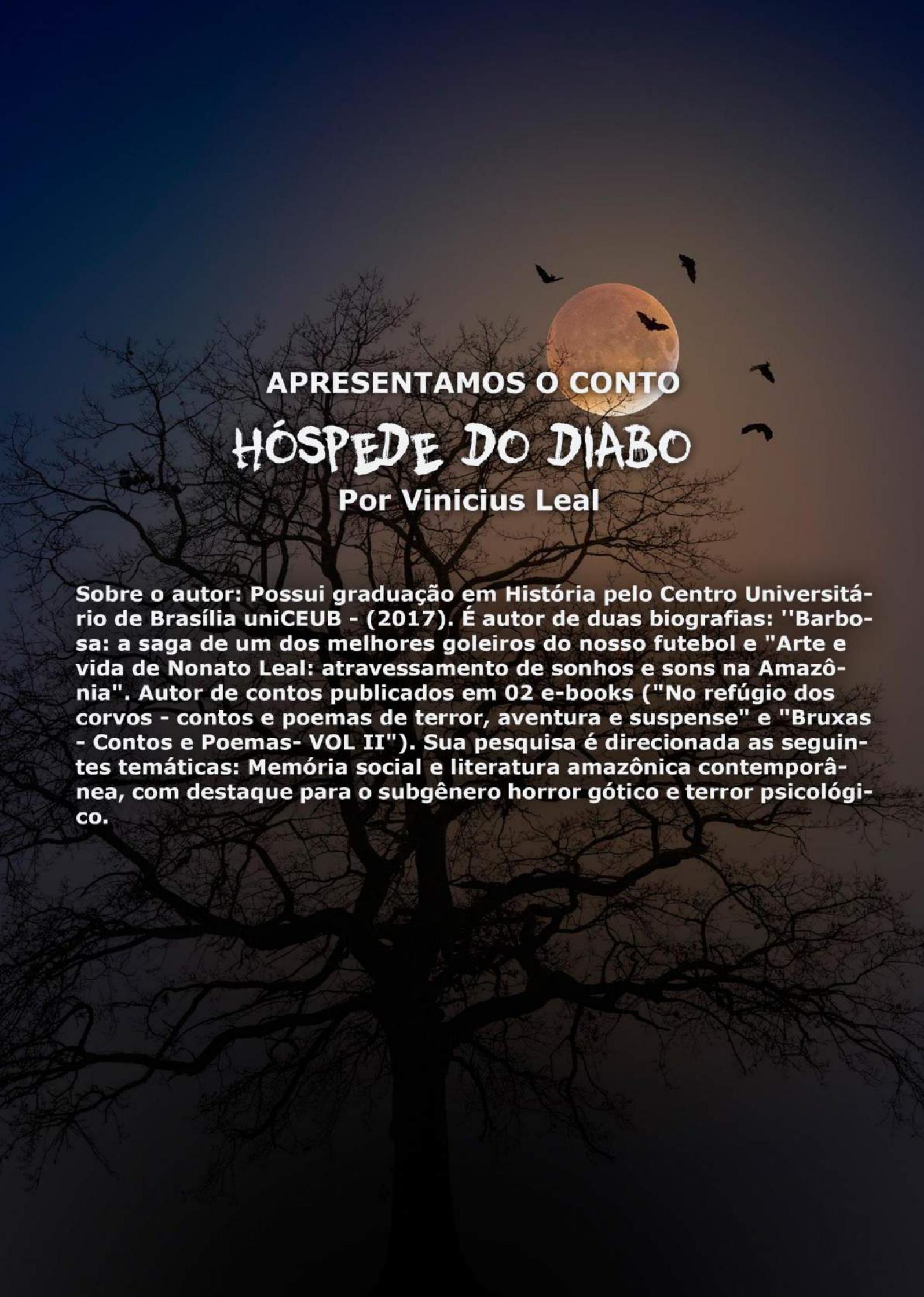
Será que sou bruxa?  
Será porque gosto de crianças, diálogo e afeto?  
Ou das plantas, cristais e banho de ervas  
De lua cheia...  
Ah, com certeza é sobre a lua cheia!

Será que sou bruxa porque gosto de incensos perfumados?  
Abraços apertados e beijos mágicos  
Ou porque gosto de musicas celtas...  
Ah, com certeza é isso!

Será que sou bruxa porque tenho meu próprio Stonehenge?  
São lindas arvores no mesmo formato do Pais de Gales,  
Mas são meu lugar secreto.  
Ah, então é isso! Lugares secretos.

Gosto de carinho, acalanto e óleos essenciais,  
Aconselho as pessoas amigas e acolho com sorriso,  
Gosto de céu, sol, mar, cachoeiras e chuva.  
O que será que eu sou?





**APRESENTAMOS O CONTO**  
**HÓSPEDE DO DIABO**  
**Por Vinicius Leal**

**Sobre o autor: Possui graduação em História pelo Centro Universitário de Brasília uniCEUB - (2017). É autor de duas biografias: "Barbosa: a saga de um dos melhores goleiros do nosso futebol e "Arte e vida de Nonato Leal: atravessamento de sonhos e sons na Amazônia". Autor de contos publicados em 02 e-books ("No refúgio dos corvos - contos e poemas de terror, aventura e suspense" e "Bruxas - Contos e Poemas- VOL II"). Sua pesquisa é direcionada as seguintes temáticas: Memória social e literatura amazônica contemporânea, com destaque para o subgênero horror gótico e terror psicológico.**

**P**elas frestas de um retorcido e velho portão de ferro era possível vislumbrar uma mansão mal-assombrada. No salão principal, vitrais espelhavam o reflexo horripilantes de quimeras e demônios, que passavam a impressão de estarem vivos. As portas abriam e fechavam a todo momento e os janelões balançavam fortemente com a ventania sobrenatural durante as madrugadas. No alto da construção, haviam seis gárgulas animais, seus olhares dilatados e penetrantes, pareciam querer testemunhar segredos ocultos.

Aqueles que propuseram a dormir na misteriosa residência, perderam sua sanidade mental. E os poucos indivíduos que tiveram a chance de escapar, morreram abruptamente ou cometerem o suicídio. Ninguém sabia ao certo explicar sobre a origem da mansão. Contudo, haviam, rumores de que ali se instalavam espíritos perversos, dotados de dons persuasivos que atraíam viajantes pelas redondezas. Havia a sensação de êxtase e prazer absoluto por parte dos espíritos que se deleitavam, ao verem suas vítimas aprisionadas pelas amarras do medo. Era como se a atmosfera lúgubre da mansão, pudesse sugar a energia de toda natureza viva.

Mr. Lancaster, viajava por aquela região longínqua. Os habitantes da localidade já haviam lhe informado sobre as histórias aterrorizantes da mansão secular. Mesmo assim, o homem decidiu pernoitar na residência. Dotado de aguçada erudição, o sujeito dominava o latim, a filosofia natural, alquimia dentre outros conhecimentos. Nem sua descrença no sobrenatural o poupou de ter um final igual aos demais infelizes que haviam sido levados até a moradia pela força hipnótica de satanás.

Por conta das últimas fatalidades vividas por essa criatura estranha, o excessivo uso de álcool havia se tornado rotina em sua decrépita existência. Meses antes um grande infortúnio havia cruzado seu destino. Comportamentos impróprios o deixavam suscetíveis a possessões espirituais e, por mais que ele não aceitasse justificativas de natureza extrafísica, coisas estranhas sucediam a todo momento.

Naquela mesma noite, tudo transcorria tranquilamente, até que as portas dos quartos da mansão começaram a ranger em sincronia. E pela brecha, os olhos sobressaltados de Mr. Lancaster se depararam com uma linda mulher no corredor. Os cabelos longos e ruivos iam até a cintura, duas covinhas riscavam a face. Enquanto seus traços delicados assemelhavam-se à perfeição das pinturas renascentistas.

Ao lado da mulher, havia uma pequena criança trajada com um vestido de poá vermelho escarlata e um sapato de crochê. Sua fisionomia angelical revelava uma menininha de aproximadamente uns cinco anos e meio. Na medida que caminhavam, uma fragrância de Cássia-imperial era exalado no ambiente.

“ — Voltem! Voltem aqui! ” — Murmurou Mr. Lancaster.

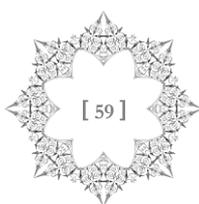
Ambas possuíam uma feição familiar... Era sua esposa Emily... e sua filha Katherine! As duas prosseguiram andando entre os corredores, sem lhe dar ouvidos. Mãe e filha atravessaram dois ogivais e saíram da mansão.

O hóspede saiu do cômodo com um sentimento de pânico. Fragilizado pela imagem que assombrava sua alma! Resolveu, então, atravessar os ogivais e sair à procura de Emily e Katherine. O homem ouviu sussurros claustrofóbicos que ecoavam pelo ar. Sons tenebrosos transcorriam os ouvidos, danificando os tímpano, bigorna, martelo e estribo, produzindo ondas sonoras agudas que faziam sua caixa craniana entrar em ‘erupção vulcânica.’

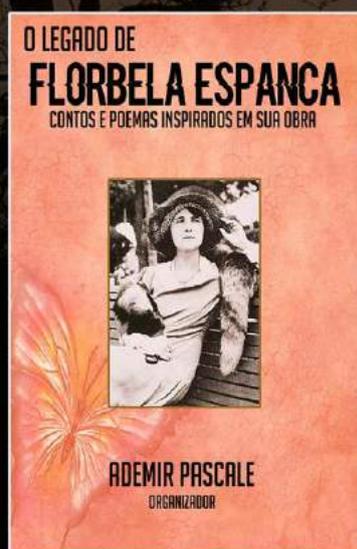
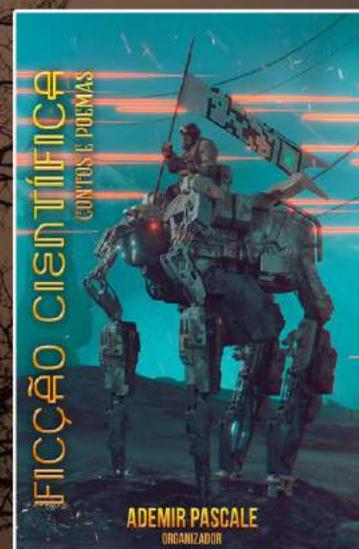
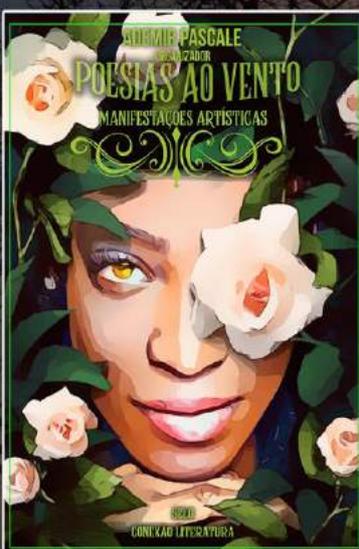
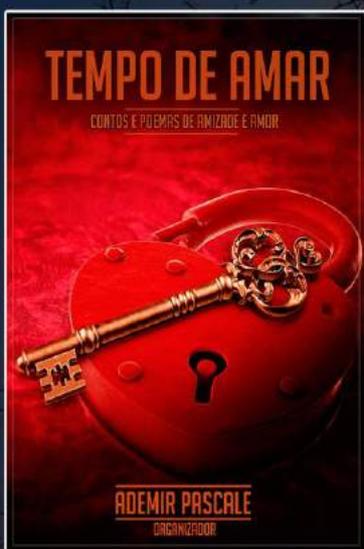
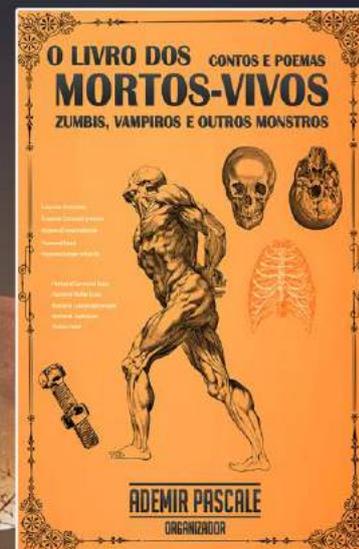
Subitamente, a imagem de sua família desapareceu através de uma cortina de fumaça. Sorrateiramente, apareceu um velho corcunda, com um olhar gélido. Vestido com um espesso manto negro, o ignóbil feiticeiro preservava uma feição mefistofélica, que contradizia com um crucifixo suspenso no peito. Também haviam vários corvos que sobrevoavam as árvores próximas a mansão.

O feiticeiro era Satanás! ... E os corvos, eram os espíritos obsessores que conseguiram escapar das zonas umbralinas. Em poucos minutos, os corvos atacaram Mr. Lancaster, em sequência ele teve seus membros, tripas, tendões, e o coração ainda pulsante retalhados em pedaços. Os bicos pontiagudos das aves sugavam o sangue e saboreavam a carne apodrecida.

O inchaço e o aspecto esverdeado, natural do corpo em estado de putrefação, provocava arrepio, repulsa e ânsia de vômito. Exceto aos corvos, que se deliciavam do banquete. Enquanto a carcaça era devorada, o velho feiticeiro lançava uma gargalhada sinistra.



# CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



**BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS**

VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)

SIGA: [WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)

E-MAIL: [ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM](mailto:ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM)

**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI**